



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE REALEZA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

RAFFAELLA PFEIFER DUARTE

“ELA ESTÁ PEDINDO COM ESSA ROUPA”: PERCEPÇÕES DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS (OS) SOBRE A CULTURA DO ESTUPRO

REALEZA

2019

RAFFAELLA PFEIFER DUARTE

**“ELA ESTÁ PEDINDO COM ESSA ROUPA”: AS PERCEPÇÕES DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS (OS) SOBRE A CULTURA DO ESTUPRO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção de
grau de Licenciatura em Ciências Biológicas da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariane Inês Ohlweiler

REALEZA

2019

Este trabalho é dedicado à memória da minha amiga/irmã Leticia Forte Pontes “Fortaleza”, que hoje não faz mais parte desse plano, mas está presente comigo em lembranças, energia e amor. Esse ser de luz me ensinou muito sobre amor próprio, e o que é ser uma mulher de garra “preta de quebrada”, além do verdadeiro sentido da amizade, companheirismo e luta por nossos direitos, o que é ser resistência.

Forta, por você eu resisto e luto por nós mulheres na esperança de um mundo mais igualitário.

“EXISTO PORQUE RESISTO”.

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Duarte, Raffaella Pfeifer

ELA ESTÁ PEDINDO COM ESSA ROUPA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS (OS) SOBRE A CULTURA DO ESTUPRO / Raffaella Pfeifer Duarte. -- 2019.

68 f.:il.

Orientadora: Doutora Mariane Inês Ohlweiler.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura,
Realeza, PR , 2019.

1. Introdução. 2. A imagem da mulher: discursos e definições. 3. Metodologia. 4. Resultados e Discussões. 5. Considerações Finais. I. Ohlweiler, Mariane Inês, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAFFAELLA PFEIFER DUARTE

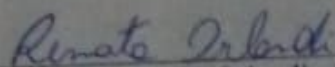
"ELA ESTÁ PEDINDO COM ESSA ROUPA": AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE A CULTURA DO ESTUPRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Rszaleza - PR, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.
Orientadora: Profª. Dra. Mariane Inês Ohlweiler.

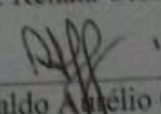
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

14 / 11 / 2019

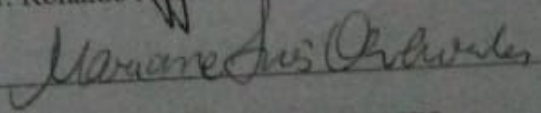
BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Renata Orlandi - UFSC



Prof. Dr. Ronaldo Antônio Garcia - UFFS



Profª. Dra. Mariane Inês Ohlweiler - UFFS

RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender como se constituem as percepções sobre a cultura do estupro de estudantes universitários de Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Realeza Paraná. Em vista que, no contexto escolar ao se deparar com determinados discursos de algum(a) professor(a), os alunos poderão tomar determinadas práticas como naturalizadas, o intuito desta pesquisa é analisar as percepções de futuros professores acerca de temáticas relacionadas à cultura do estupro. Esta pesquisa teve caráter quali-quantitativo e a produção de dados foi realizada por meio de um questionário online contendo quarenta e uma questões, as quais foram intercaladas entre perguntas objetivas e discursivas. Ao analisar as percepções dos participantes acerca da cultura do estupro, foi possível perceber que a maioria considera que esta cultura existe (91,7%), trazendo no decorrer de suas respostas elementos que constituem a mesma, como: a história da sociedade marcada pelo patriarcado; o machismo; a naturalização do estupro; a culpabilização da vítima; bem como a sexualização e objetificação da mulher. É perceptível o quanto a cultura do estupro envolve uma trama discursiva ampla, prova disso foi a quantidade de escolhas pela opção “sociedade” como uma das formas de propagação da referida cultura, o que denota a compreensão dos participantes acerca da variedade de discursos que se sobrepõem e que vão muito além de influências isoladas. Embora o tema cultura do estupro tenha ganhado repercussão há pouco tempo no Brasil, as várias práticas que constituem esta cultura são de fato históricas, ou seja, a mesma está enraizada na história da nossa sociedade. Mas, uma vez que estas práticas ganham proporção e são alvos de debates, tornam-se objetos de análise. Desta forma, é necessário que as diferentes práticas que constituem a cultura do estupro as quais foram apresentadas neste trabalho sejam analisadas e se tornem foco de várias pesquisas para que possamos compreender melhor como isso se constitui culturalmente.

Palavras-chave: Percepções de acadêmicos. Formação de professores. Objetificação. Violência sexual. Cultura do estupro.

ABSTRACT

This research aimed to understand how the perceptions about the rape culture of undergraduate university students of the Federal University of Fronteira Sul, Campus Realeza Paraná are constituted. Given that, in the school context, when faced with certain speeches of some teacher, students may take certain practices as naturalized, the purpose of this research is to analyze the perceptions of future teachers about themes related to the culture of the teacher rape. This research was qualitative and quantitative and the production of data was performed through an online questionnaire containing forty-one questions, which were interspersed between objective and discursive questions. Analyzing the participants' perceptions about the culture of rape, it was possible to realize that most consider that this culture exists (91.7%), bringing along its answers elements that constitute the same, such as: the history of society marked by patriarchy; the machismo; the naturalization of rape; the blaming of the victim; as well as the sexualization and objectification of women. It is noticeable how much the culture of rape involves a broad discursive plot, proof of this was the amount of choices by the option "society" as one of the forms of propagation of that culture, which denotes the understanding of the participants about the variety of discourses that are overlap and go far beyond isolated influences. Although the theme culture of rape has recently gained repercussion in Brazil, the various practices that constitute this culture are in fact historical, that is, it is rooted in the history of our society. But, once these practices gain proportion and are the subject of debate, they become objects of analysis. Thus, it is necessary that the different practices that constitute the culture of rape that were presented in this work be analyzed and become the focus of several researches so that we can better understand how this is culturally constituted.

Keywords: Perceptions of academics. Teachers training. Objectification. Sexual violence. Rape culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 A IMAGEM DA MULHER: DISCURSOS E DEFINIÇÕES.....	16
2.1 Patriarcado.....	16
2.2 Desigualdade de gênero e papéis de gênero.....	19
2.3 Machismo.....	20
2.4 Objetificação da mulher.....	22
2.5 Feminismo: a luta por direitos.....	24
2.6 Cultura do estupro.....	26
3 METODOLOGIA.....	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
4.1 Quem são os participantes?.....	32
4.2 Afinal, o estupro tem uma cultura?.....	32
4.3 Mulheres são as principais vítimas de estupro.....	37
4.4 A trama social discursiva que envolve a cultura do estupro.....	40
4.5 <i>Fatores não estupram. Homens estupram</i>	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE A - Questionário.....	58
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	67

1 INTRODUÇÃO

Era uma noite de um domingo de verão, daqueles que o calor está insuportável e que você só quer ir tomar algo para se refrescar e ver o céu estrelado que está fazendo lá fora. Ela saiu com a roupa que costuma usar em noites quentes, algo bem confortável, shorts jeans, regata e chinelos havaiana, já que só iria encontrar as amigas para tomar uma cerveja e colocar a conversa em dia. Logo ao andar algumas quadras de sua casa, percebeu que um carro estava passando lentamente ao seu lado, pensou que fosse um conhecido, um amigo ou parente, olhou para o veículo e viu que dentro dele estavam 5 rapazes, nenhum parecia-lhe familiar, assustada apressou o passo, pois sabia o perigo que corria por ser mulher e estar andando sozinha. Ao perceber que ela estava incomodada por estar sendo praticamente seguida, os 5 homens começaram a falar frases obscenas: “Como que uma gostosa dessa está sem a companhia do namorado?”, “Quanto é o programa bebê?”, “Você ganha uma carona com essa roupa, mas não garanto que ficará com ela”, “Me mostra o que tem debaixo desse shortinho”. A mulher constrangida e com ódio dos comentários machistas e maldosos, permaneceu calada e cabisbaixa, continuou andando rapidamente pela rua escura, sabia que esta era uma situação de risco, não podia nem se quer dar uma resposta ao nível daquelas barbaridades que estava ouvindo ao seu respeito, por medo do que poderia acontecer ¹.

A cena descrita acima é um caso fictício que pode vir a ocorrer diariamente, aliás, ele ocorre, talvez não exatamente nestas circunstâncias, entretanto se faz presente em nossa sociedade em situações, cenas, personagens e discursos semelhantes. No relato, a mulher é objetificada, ou seja, vista como um objeto, sendo utilizado de justificativa utilizada nas falas dos homens para essa conduta são as roupas que ela está vestindo e por estar sozinha na rua à noite.

¹ Caso fictício elaborado pela autora.

Até por volta dos dezoito anos eu não havia refletido ou simplesmente parado para pensar sobre a cultura do estupro, embora, sendo mulher, com certeza já tivesse experienciado ou inclusive reforçado algum discurso conivente à objetificação da mulher. No entanto, a partir de determinadas situações que presenciei, passei a questionar algumas diferenças atribuídas aos papéis de gênero e o porquê das mulheres serem vistas principalmente pelos homens, como objetos sexuais para satisfação de seus desejos sexuais.

Além disso, procuro entender porque as mulheres são julgadas pelas pessoas como principais responsáveis por estarem vivenciando essa violência, sendo utilizados como argumentos o fato de estarem na rua ou em algum evento à noite, pela roupa que estão vestindo, por estarem sozinhas ou acompanhadas de outras mulheres, pelo seu estado civil, por consumir bebida alcoólica em lugares públicos, dentre outros.

Desta forma, para compreender a gama de fatores envolvidos em argumentos que são reiterados constantemente e como se constitui a “cultura do estupro”. Para tanto, é necessário entender o que estas duas palavras significam para então refletir em como que esta prática se faz presente em nossa sociedade.

O termo cultura aparece definido no dicionário Aurélio, como o:

Conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais etc (FERREIRA, 2009, p. 623).

Assim, o termo cultura relaciona-se às características presentes na constituição do indivíduo sendo elas particulares e coletivas, expressadas de forma social, que contribuem para a formação de ações e normas de determinado grupo, as quais serão comuns e consideradas habituais em diferentes sociedades.

Já a palavra estupro é definida no mesmo dicionário como: “Crime que consiste em constranger indivíduo, de qualquer idade ou condição, a conjunção carnal, por meio de violência ou grave ameaça; coito forçado; violação” (FERREIRA, 2009, p. 886). Conforme consta no artigo 213 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40, o estupro é o ato de: “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter

conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (BRASIL, 2009, s/p).

Desta forma, o crime de estupro não está intimamente ligado com a penetração vaginal, mas sim com todos os outros tipos de violência sexual, como salienta Sousa (2017):

Esse tipo de entendimento é muito importante para que outras formas de violação sejam ou não classificadas no quadro do estupro, considerando que, por muito tempo, o entendimento de estupro concebeu apenas casos onde a conjunção carnal fosse comprovadamente forçada e com penetração vaginal. Tal concepção mostra-se exclusivamente falocêntrica, ignorando outras práticas de violências sexuais como o sexo oral, anal, masturbação, beijo e qualquer prática sexual que não contemple a penetração vaginal (SOUSA, 2017, p.11).

Tendo em vista essas considerações, o estupro é toda e qualquer conduta que coage um indivíduo, invadindo seu corpo sem o seu consentimento, forçando-o por meio de ameaças ou de forma violenta para fins de satisfação sexual. A cultura do estupro é, portanto, o conjunto de violências simbólicas que promove a defesa, a tolerância e o incentivo à violação sexual, que podem causar além de danos físicos, danos psicológicos e morais à pessoa violentada (SOUSA, 2017).

A cultura do estupro existe em nível macro e micro, ou seja, em nível macro porque está no social, no sentido de uma ampla trama, o tecido social enquanto sociedade, porém, ela só existe neste nível por ser reforçada em discursos no nível micro, isto é, presente no discurso de pequenos grupos².

A título de exemplo, de como podemos nos deparar com esses discursos em nível micro, foram encontrados na rede social *Facebook* em uma publicação (figura 1) na página *Quebrando o Tabu*, comentários que revelam as percepções de alguns internautas, cujos recortes reproduzo abaixo:

Figura 1: Homem no manifesto político “ELE NÃO” composto principalmente por mulheres, solicitando por meio de um cartaz a igualdade de gênero.

² Isto é perceptível quando se toma o discurso como objeto de análise, tal qual destacado por Foucault (2008).



Imagem extraída em 03/10/2018³

“A masculinidade tem relação direta com virilidade e agressividade, por conta da testosterona no corpo do homem, e isso é natural; antinatural é tentar transformar o homem em uma ovelhinha indefesa #eusoumachista”.

Nesse comentário que foi escrito por um homem, utiliza-se a desculpa de que devido às características físicas e sexuais que o sexo masculino apresenta em razão do hormônio testosterona, é natural que o homem tenha desejos sexuais quando vê uma mulher com roupa “curta”. Sabe-se que o hormônio testosterona mesmo que em menor quantidade também está presente no organismo da mulher e, nem por isso as mulheres utilizam-se dessa justificativa para intimidar homens que andam sem camisa, prática comum entre os homens em dias mais quentes.

Eis mais um comentário: *“Meu amigo, cada um na sua... e cada um assuma as consequências de seus atos..ex..se a mulher estiver semi-nua em público e for*

³ Publicação disponível em:

<https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/2151765174879858/?type=3&theater>. Acessado em: 03/10/2018.

agredida sexualmente claro o agressor será punido.. Tbm ela responderá um processo de atentado ao pudor etc..isso é cada macaco no seu galho ok”.

O rapaz da imagem quando utiliza a expressão *seminu*, refere-se às mulheres que são intimidadas por homens quando estão mostrando partes do corpo que são sexualizadas. Ele utiliza o próprio corpo de exemplo por estar sem camiseta em público, sendo que a maioria ao seu redor são mulheres e nem por isso ele se sente ameaçado, querendo o mesmo respeito para o sexo feminino. Já no comentário acima também expressado por um homem, parece que este interpretou a publicação de forma errônea, dizendo que todos envolvidos devem assumir as consequências dos seus atos, se uma mulher estiver seminua em público e for agredida sexualmente o agressor certamente será punido, e a mulher responderá uma ação judicial por atentado ao pudor. Entretanto, na grande maioria dos casos de violência sexual, o agressor não é punido e nem a mulher agredida está seminua da maneira como o internauta interpreta.

“Vá estudar sobre o testosterona e o estrogênio que vc vai entender melhor. MT testosterona pouco domínio próprio”.

Neste outro comentário que foi reproduzido por uma mulher, utiliza-se mais uma vez como desculpa a testosterona, o que faria os homens assediarem uma mulher quando ela está usando roupas que deixam algumas partes do corpo aparentes, sendo esse comportamento mais forte que eles, não podendo ser controlado. O que chama atenção neste comentário é o fato de uma mulher aceitar e afirmar que isso ocorre devido ao hormônio presente no organismo dos homens, que não podem ter domínio de suas ações quando relacionadas ao prazer sexual, naturalizando essa conduta que se faz presente em nossa sociedade como algo aceitável e indiscutível.

Comentários como estes, retirados de redes sociais demonstram o quanto a cultura do estupro é um tema que merece atenção, visto que as pessoas que reproduzem discursos como estes, via internet poderão estar fazendo o mesmo quando se deparam com situações parecidas, achando natural homens assediarem mulheres devido à roupa que estão usando.

Desta forma, enquanto aluna do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, considero importante saber o que os futuros professores pensam em relação a cultura do estupro, se estão contribuindo ou não para que essa cultura permaneça e se reproduza. Diante disso, percebo a necessidade em saber como essa cultura se

constitui, bem como, compreender quais as percepções de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul *campus* Realeza - Paraná sobre a cultura do estupro, em vista de que futuramente os mesmos serão professores e, portanto, também poderão vir a ser figuras de referência para seus alunos. Em outras palavras, poderão reproduzir discursos que reforçam ou coíbem a cultura do estupro.

Com este intuito, o problema formulado para esta pesquisa delinea-se na seguinte pergunta: Como se constituem as percepções de estudantes universitários de Licenciatura sobre a cultura do estupro? Para tentar responder a esta pergunta, definiu-se o seguinte objetivo geral: Compreender as percepções de estudantes universitários dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (*Campus* Realeza) em relação à cultura do estupro e analisar os discursos e contextos sociais envolvidos na constituição destas percepções. Este objetivo foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos:

- Entender como a objetificação da mulher está relacionada com as percepções sobre a cultura do estupro;
- Analisar como os papéis de gênero influenciam a formação das percepções em relação à cultura do estupro;
- Averiguar se o indivíduo que afirma ser contra a cultura do estupro intervém em situações em que esta cultura é reforçada;
- Compreender quais os discursos e contextos sociais envolvidos nas percepções sobre a cultura do estupro;
- Comparar as percepções sobre a cultura do estupro, entre estudantes de diferentes cursos de Licenciatura.

Para o desenvolvimento da pesquisa procuramos elencar algumas questões norteadoras a partir da temática escolhida, no sentido de mantê-las como questões de estudo, sendo estas:

- Se alguém se diz contrário à cultura do estupro, necessariamente essa pessoa deixa de reproduzir discursos que objetificam a mulher?
- De que formas alguém que se diz contrário à cultura do estupro intervém em situações nas quais se manifesta um pensamento favorável a esta cultura?

- Como os papéis de gênero influenciam na constituição das percepções sobre a cultura do estupro?
- Quais os contextos sociais e discursivos (família, escola, religião, mídia, ciência etc) que colaboram com a cultura do estupro? Será que algum destes contextos tem uma influência superior aos demais em relação às percepções sobre a cultura do estupro?

Nos próximos capítulos serão apresentados respectivamente: a fundamentação teórica sobre a imagem da mulher (discursos e definições), a metodologia, os resultados e discussões e as considerações finais.

2 A IMAGEM DA MULHER: DISCURSOS E DEFINIÇÕES

2.1 Patriarcado

Para compreender o que é a cultura do estupro, é essencial entender a construção da imagem da mulher que é marcada pelo patriarquismo, a desigualdade de gênero e os papéis de gênero, bem como sua objetificação (BORIS; CESÍDIO, 2007).

De acordo com Narvaz e Koller (2006a), ao longo da história foram formados diferentes tipos de organização familiar, sendo uma destas, a família patriarcal que tinha como figura principal o homem. Com isso, instaura-se o patriarcado, sendo este um período histórico em que sucede a dominação do homem, por considerar o sexo masculino superior ao sexo feminino (LUSTOSA, 2016). Isso ocorreu devido a constituição de uma sociedade patriarcal em que o homem tinha a mulher como uma posse, e determinava suas atribuições (BORIS; CESÍDIO, 2007).

Segundo Narvaz e Koller (2006a), a família patriarcal resultou da Roma Antiga, onde a família romana era centrada na figura masculina, e as mulheres não passavam de meras coadjuvantes. O patriarca possuía o direito de vida e morte sobre todos os outros: da mulher, filhos e escravos, ou seja, o patriarcado não constituía o poder do pai, mas sim o poder masculino enquanto categoria social.

Considerando-se que o Brasil foi colonizado por ocidentais, pode-se deduzir que os homens do nosso país apresentavam as mesmas concepções que os habitantes do antigo continente, em relação à mulher (FOLLADOR, 2009). Ainda segundo a autora, o período colonial é marcado pela imposição do homem à mulher exigindo sua submissão, obediência e dignidade.

De acordo com Boris e Cesídio (2007), enquanto a mulher era exclusivamente de um único homem e lar, o patriarca podia ter outras mulheres além da esposa, sendo estas suas escravas ou criadas. Estes autores ainda ressaltam que “no Brasil, a mulher branca era escolhida para casar, mas o homem tinha maior preferência sexual pela mulata, pela cabocla e pela morena devido à beleza dos seus olhos, à alvura dos seus

dentes e aos seus dengos, do que pelas brancas virgens e loiras” (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 457).

Neste período, a principal função atribuída à mulher era a reprodução, sendo intensamente submetida ao poder do homem. Enquanto o homem ocupava o papel na família de garantir o sustento da mesma por meio do trabalho, a mulher além da sua função de reproduzir ficava responsável por administrar os afazeres dos escravos, cuidar das tarefas domésticas, ensinar e educar os filhos e realizar as vontades sexuais de seu marido (BORIS; CESÍDIO, 2007). Essa organização familiar administrada pelo homem, reforça o poder masculino sobre os membros pertencentes da família o que acarreta na sua dependência econômica e social (RODRIGUES; NASCIMENTO; NONATO, 2015).

O trabalho doméstico das mulheres por não ser valorizado e reconhecido como digno de remuneração, é algo relevante nesse processo histórico, contribuindo de forma significativa na construção da dominação masculina. Como resultado, a exploração econômica das mulheres pelo conjunto familiar, colabora e reforça o patriarcado (LUSTOSA, 2016).

Segundo Follador (2009), no período colonial as mulheres não tinham o direito de frequentar escolas, sendo que este era destinado apenas aos homens. Por outro lado, eram instruídas para uma vida confinada, seus principais deveres como mulher eram: o casamento, o cuidado da casa e dos filhos. Para isto, as mesmas eram ensinadas a costurar e cozinhar, e as mulheres mais abastadas, aprendiam a pintar, bem como tocar algum instrumento.

A leitura e escrita eram de forma limitada conforme se tinha a permissão do pai, sendo que na maioria das vezes não havia a autorização para aprender a ler e escrever. Além disso, “a educação era ministrada somente aos homens e, tanto as mulheres brancas ricas e pobres, quanto as negras, fossem elas escravas, alforriadas ou mestiças, não tinham acesso à instrução” (FOLLADOR, 2009, p.9).

Ainda segundo esta autora, havia exceções em relação à vida reclusa no lar, em vista que as mulheres mais necessitadas tinham que trabalhar para garantir o sustento da família, conforme relata a autora:

[...] Precisavam trabalhar e, desta forma, adentravam ao espaço público, reservado aos homens, pois, o sustento da família em muitos casos era

tarefa delas. Afora essas exceções, não podiam sair desacompanhadas e sua passagem pelos espaços públicos só era bem aceita se relacionada às atividades da Igreja, como missas, novenas e procissões, o que para as jovens daquela época era uma forma de lazer (FOLLADOR, 2009, p.8).

De acordo com Boris e Cesídio (2007), a religião exerceu um importante papel no sistema patriarcal. O discurso da religião com predominância da Igreja Católica, ratificava e reforçava o que era legitimado na família patriarcal, como exemplo a castidade da mulher. Assim, a ideologia patriarcal compõem as normas da Igreja, em vista que a autoridade masculina sobre a mulher era pregada pela Igreja como forma de inspiração divina. Dessa forma, a religião no patriarcado legitimava o discurso da autoridade do homem e submissão da mulher (RODRIGUES; NASCIMENTO; NONATO, 2015).

Segundo Follador (2009), existiam mulheres que não se enquadravam nos modelos e normas que precisavam possuir para serem reconhecidas como “honradas”, sendo estas devido a situações tanto passageiras quanto permanentes, mas todas relacionadas ao modo de vida. Isso ocorria, devido aos padrões que eram impostos.

[...] para as as mulheres brancas, pois as escravas, negras alforriadas e mestiças já eram mal vistas pela sociedade, consideradas como mulheres sem honra. Porém, mesmo as mulheres brancas nem sempre conseguiam manter esse ideal, como era o caso das mulheres pobres. Elas precisavam trabalhar fora de seus lares e isso já as caracterizavam, na maioria dos casos, como mulheres públicas (FOLLADOR, 2009, p.10).

Com o processo de urbanização a mulher começou a participar mais ativamente dos espaços públicos da sociedade, mas para fins de interesse do homem no intuito de ser mais agradável nos eventos sociais. Porém, no final do século XIX o sistema patriarcal começou a declinar no Brasil, fazendo com que a mulher alcançasse grandes avanços na sociedade, como exemplo algumas mulheres da elite já sabiam ler e escrever (BORIS; CESÍDIO, 2007).

De acordo com Follador (2009), o século XIX trouxe mudanças, mas que não se estendiam a todas as mulheres, somente àquelas ligadas à elite. As mudanças estavam relacionadas a poder frequentar locais públicos com uma maior liberdade, bem como o acesso à educação sendo permitido que aprendessem a ler e escrever. Já

para as mulheres das camadas inferiores não houve mudanças significativas neste século. Como relata a autora:

[...] continuavam a ser encaradas, na maioria, como mulheres desonradas ou sem honra, decorrência em muitos casos dos meios que utilizavam para sobreviver. A maioria das mulheres brasileiras teria de esperar a chegada do século XX para alcançarem um maior reconhecimento da sociedade por sua participação na construção do país (FOLLADOR, 2009, p.14).

Em vista disso, a posição da mulher tanto na família quanto na sociedade em geral, desde o período de colonização até os dias de hoje, evidencia que o sistema patriarcal foi uma das origens da nossa organização social (NARVAZ; KOLLER, 2006a).

2.2 Desigualdade de gênero e papéis de gênero

A desigualdade entre homens e mulheres no patriarcado fez com que pouco a pouco fossem questionados os papéis de gênero atribuídos pela sociedade (SCOTT, 1995). O termo gênero é utilizado para a pessoa se identificar ou ser reconhecida como homem ou mulher (JESUS, 2012). Esse termo vem a ser uma maneira de manifestar as construções sociais, sendo que os papéis atribuídos aos homens e às mulheres são resultados da criação social (SCOTT, 1995). Assim, a categoria gênero refere-se a uma construção social que determina os papéis atribuídos para ambos os sexos na sociedade (FOLLADOR, 2009).

O antagonismo entre o sexo feminino e masculino reflete na desigualdade de gênero, caracterizada no sistema patriarcal pelos estereótipos de cada sexo, que são consequências dos diferentes papéis sociais condicionados ao sexo biológico, formando pólos de submissão e dominação (CUNHA, 2014). O termo sexo em seu sentido estrito representa as diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres, enquanto gênero compreende as desigualdades sociais e culturais que existem entre os mesmos (CUNHA, 2014).

Segundo Teixeira (2010), a forma como foram distribuídos os papéis de gênero no ambiente familiar e no mercado de trabalho são motivos centrais das desigualdades entre os sexos. Em vista que o trabalho doméstico e o cuidado da família foram

atribuídos à mulher e ao homem o papel de sustentar economicamente a família sendo este feito por meio do trabalho remunerado.

Desta forma, a desigualdade entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento a partir de seu sexo biológico, meninos e meninas são ensinados a agir de acordo com seu papel de gênero “apropriado” (JESUS, 2012). Contudo, a desigualdade de gênero acaba sendo naturalizada como algo biológico devido às diferenças sociais não serem vistas como influenciadas pelo convívio social (JESUS, 2012).

De acordo com Sayão (2006), os papéis de gênero são formados nas crianças aos poucos, por meio de diferentes mecanismos que constituem suas interações, seja pelas figuras adultas que os cercam ou outras crianças, bem como, através dos meios de comunicação. Assim, a delimitação do que compete aos meninos e meninas começa cedo e acontece por meio da materialidade e subjetividade.

Desta maneira, os papéis de gênero são impostos desde a infância, período este em que as meninas aprendem a ser cuidadosas, meigas e amorosas, enquanto os meninos aprendem a não demonstrar seus sentimentos, a serem valentes e garanhões (LIMA et al., 2017). Além disso, pode-se citar algumas características tradicionalmente determinadas aos gêneros, como para as mulheres a responsabilidade pelas atividades domésticas, o espírito materno e o cuidado e educação dos filhos e para os homens a força física, o espírito de liderança e a desatenção (LIMA et al., 2017). Assim, os papéis sociais são padrões instituídos pela sociedade para estabelecer o modo como homens e mulheres devem se comportar e se relacionar (LOURO, 1997).

Portanto, os papéis de gênero definem um conjunto de comportamentos e ações entendidos como naturais e pertinentes para uma pessoa conforme seu sexo. Estes são realizados por tanto tempo na história da humanidade que são naturalizados e considerados padrões a serem seguidos de forma que se encontram presentes até os dias de hoje na sociedade (SILVA; BRABO, 2016).

2.3 Machismo

O machismo pode ser definido de diferentes formas, podendo ser indicado como um conjunto de representações simbólicas, que ludibria as relações de exploração, domínio e sujeição entre o homem e a mulher (DRUMONT, 1980). De acordo com Desouza, Baldwin e Rosa (2000), já no hemisfério ocidental, o machismo é descrito como uma prática cultural que abrange todas as características tidas como efetivamente masculinas. Além disso, o machismo pode ser caracterizado em condições de indiferença à família, afastamento dos filhos, resistência à adversidades, violência sexual, agressividade e dominação em relação às mulheres. Os mesmos autores ressaltam que no contexto brasileiro, considera-se que o machismo engrandece a hipermasculinidade.

O machismo também pode ser determinado como “uma atitude particular que homens e mulheres podem ter em relação a homens e mulheres, estando a masculinidade relacionada aos modelos de constituição de identidade dos homens” (VILLELA, 2005, p.31). Desta forma, o machismo forma um sistema de representações/dominação que utiliza a justificativa do gênero, mistificando as relações entre homens e mulheres, resumindo-os em sexos hierarquizados, ou seja, separando-os em pólo dominante e dominado, apresentando-se numa situação de objeto (DRUMONT, 1980) .

Com essas diferentes definições pode-se afirmar que o machismo existe, sendo destacado o fato que a sociedade segrega atribuições e particularidades de homens e mulheres, até mesmo destinando essas atribuição à genitália. Assim, quando há tal separação entre homens e mulheres insere-se também a ideia de superioridade de um sobre o outro, sendo que neste caso o homem se vê como superior (OLIVEIRA; MAIO, 2016). Ainda segundo esses autores, percebe-se certa valorização do gênero masculino em comparação ao gênero feminino, em vista que para o homem é dado o lugar de chefia e representação, enquanto para a mulher é imposta a submissão e a fragilidade.

Além dessa supervalorização de um gênero em relação ao outro, a partir da qual acaba-se inferiorizando o gênero feminino, o machismo é causador de variadas formas de violência, entre elas: a violência física, moral, psicológica e/ou sexual. Conseqüentemente, é necessário ter uma preocupação com as práticas machistas, sendo considerado que além de prejudiciais às mulheres, também o são para os

homens, podendo provocar danos muitas vezes irreversíveis para ambos os gêneros (OLIVEIRA; MAIO, 2016).

2.4 Objetificação da mulher

A expressão objetificação relacionada à pessoa, é utilizada quando a mesma é vista e tratada como um objeto, sem serem considerados seus aspectos psicológico e emocional, sendo esse termo empregado principalmente em relação à imagem da mulher, por ser vista como objeto sexual e não como ser humano (NUSSBAUM, 1995). Isso acontece devido à erotização e os limites impostos ao corpo feminino, que pode acontecer de diferentes formas, como por exemplo pelo próprio corpo, vestuário, cabelo, contato visual, formas de movimentar o corpo e expressar-se facilmente (BARROS, 2018). Dessa forma, a mulher tem seu corpo sexualizado e objetificado, sendo colocada em uma posição passiva, onde é vista como uma forma de prazer para o outro (FRIZZERA e PAZÓ, 2017).

De acordo com Zamboni (2016), a objetificação é definir uma pessoa por seu corpo, ou por parte dele, como exemplo, o corpo da mulher é fragmentado em partes, como a bunda, peito, pernas, barriga, sendo essas sexualizadas. A objetificação feminina pode ser considerada a tendência de valorizar as mulheres com base na utilidade de suas partes ou funções sexuais, vemos isso diariamente retratado na mídia e internet (BARTKY, 1990; HARRISON e FREDRICKSON, 2003).

Na sociedade atual a imagem da mulher é utilizada como propaganda e publicidade de diversos produtos (MESQUITA et al., 2017). A imagem do corpo nu ou seminú na publicidade é utilizada como forma de atrair a atenção dos consumidores, induzindo-os a adquirir o produto apresentado (NOLETO, 2016). Anúncios publicitários exibem imagens de mulheres belas e padrões de corpos perfeitos, sendo que muitas vezes estas imagens são retocadas com programas de edição de imagem, criando um padrão de beleza que é inventado (NOLETO, 2016). Assim, a objetificação afeta a maneira como a mulher vê a si mesma, bem como a forma que a sociedade vê a mulher (NOLETO, 2016).

De acordo com Costa (2018), a constante sexualização do corpo feminino está tão enraizada na sociedade que em consequência não desenvolvemos a prática de refletir, bem como, questionar o fato do corpo da mulher estar presente nas propagandas publicitárias, sendo utilizadas para promover diferentes tipos de artefatos. Ainda segunda a autora:

Logo, precisamos ficar atentas para perceber que a objetificação do corpo feminino está em nossa cultura cotidianamente e enraizada em todos os meios sociais e, sem refletir sobre os aspectos que alimentam a cultura machista, corremos o risco de reproduzir padrões estabelecidos pelo gênero masculino, onde o corpo feminino torna-se um mero objeto de desejo e consumo, desconsiderando o potencial intelectual e psicológico das mulheres (COSTA, 2018, p.1).

A publicidade constantemente estimula os papéis impostos aos gêneros por meio da reprodução desses estereótipos, sendo reforçado a imagem para o homem de masculinidade e para a mulher de submissão (LIMA; PAIVA, 2016). A objetificação do corpo feminino na publicidade pode ser vista frequentemente nas propagandas de diversas marcas de cervejas, roupas íntimas, diferentes tipos de acessórios, produtos de higiene, dentre outras (LOURENÇO; ARTEMENKO; BRAGAGLIA, 2014). No Brasil, a objetificação da mulher é extremamente apresentada nas propagandas de cerveja, sendo a sexualização da mulher o elemento principal, em que são exibidas a imagem feminina sensualizada, com pouca roupa dando o enfoque aos fragmentos do corpo da mulher (LIMA; PAIVA, 2016). Com a utilização da imagem da mulher sexualizada e objetificada, estes tipos de propagandas proporcionam o aumento das vendas dos produtos exibidos e o rendimento das empresas, o que enfatiza ainda mais a realidade distorcida que se encontra a sociedade (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017).

Além disso, a objetificação feminina acaba gerando nas mulheres uma cobrança de um corpo perfeito, em vista de que a padronização da beleza propicia uma série de problemas de proporções físicas e também psicológicas, na qual a mulher se vê no dever de apresentar o tipo de corpo que é propagado como ideal (SOUSA; SIRELLI, 2018). Ainda segundo as autoras, por consequência, a cobrança pela aparência perfeita começa desde cedo já na infância, porém é na adolescência que as exigências dos padrões de beleza começam a pressionar as meninas, fazendo com que se sintam incomodadas com a própria imagem buscando meios para se adequar ao que

lhes é imposto. Já na idade adulta, as mulheres continuam sofrendo pois, o modelo ostentado como padrão de beleza é inatingível, o que leva a fazer dietas, utilizar produtos que provocam dor e/ou mal estar, bem como sujeitam-se a cirurgias plásticas, sendo que essas práticas podem acabar prejudicando a própria saúde.

Desta forma, a indústria da beleza ao tratar a mulher como um objeto, lucra com a insegurança presente nas mesmas, e ao incentivar a busca da beleza perfeita e a competição entre o sexo feminino acarreta no enfraquecimento das lutas feministas (SOUSA; SIRELLI, 2018).

2.5 Feminismo: a luta por direitos

O movimento feminista originou-se fundamentalmente em torno do movimento sufragista, sendo este, o que buscou estender o direito de votar às mulheres. No Brasil, iniciou-se juntamente com a Proclamação da República em 1890, sendo encerrado com a conquista do voto às mulheres brasileiras na Constituição de 1943, ou seja, quarenta e quatro anos depois (MEYER, 2003). Devido à grande proporção que teve em vários países ocidentais, o sufragismo tornou-se posteriormente, a primeira “onda” do feminismo (LOURO, 1997). De acordo com Meyer (2003), nesta primeira onda juntamente à luta pelo direito ao voto, outras reivindicações vieram à tona, a título de exemplo, o direito ao ensino e a atuação na docência e condições dignas de trabalho. Dessa forma, ainda segundo a autora, o movimento é considerado multifacetado, por abranger diferentes grupos de mulheres com diferentes necessidades, tornando-se um movimento heterogêneo e plural.

Assim, o movimento feminista luta pela igualdade, reivindicando direitos políticos e civis que eram destinados só para os homens (NARVAZ; KOLLER, 2006b). Ou seja, o feminismo é um movimento sociocultural como reforça Lisboa (2010), “que luta por justiça e equidade nas relações entre homens e mulheres e, sobretudo, luta para garantir os direitos humanos, principalmente o das mulheres em função do alto nível de violência e discriminação que padecem” (LISBOA, 2010, p.69). Desta forma, nesta primeira fase do feminismo é apontado e denunciando a opressão feminina imposta pelo patriarcado (NARVAZ, 2005).

Já a segunda onda feminista de acordo com Meyer (2003), sucedeu nos países ocidentais nos anos 60 e 70 do século XX, e no Brasil foi associado com a eclosão de movimentos de oposição aos governos de ditadura militar, bem como aos movimentos de redemocratização brasileira no início dos anos 80. Nessa onda, além das preocupações políticas e sociais, o movimento remete:

[...] ao reconhecimento da necessidade de um investimento mais consistente em produção de conhecimento, com o desenvolvimento sistemático de estudos e de pesquisas que tivessem como objetivo não só denunciar, mas, sobretudo, compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas (MEYER, 2003, p.11).

Em vista disso, de acordo com Felipe (1999), o movimento feminista se estendeu exigindo não só a igualdade de direitos em sentidos políticos e sociais, mas também fomentando-se em crítica teórica. Os estudos feministas procuravam apresentar as condições de exploração e submissão às quais as mulheres eram sujeitadas, demonstrando preocupação ao poder dos homens em relação às mulheres (FELIPE 1999). Assim sendo, segundo Noletto (2016) o feminismo é um movimento social que luta pela igualdade de gênero, onde uma das formas de atuação do movimento são os estudos que analisam e questionam as diferenças entre homens e mulheres.

Conforme Lisboa (2010), o feminismo tem como propósito ético-político denunciar um agregado de pressupostos que a sociedade determinou como “natural”, como por exemplo a maternidade. O movimento também busca manifestar as práticas opressivas e distintas, que provocam sofrimento nas pessoas que não possuem o padrão “normal” estabelecido. A autora ressalta que, “os estudos feministas propõem, ainda, desconstruir os papéis impostos a homens e mulheres pela sociedade, com base na tese de que a diferença sexual é o principal fundamento da subordinação feminina” (LISBOA, 2010).

Segundo Meyer (2003), a partir da segunda onda do feminismo as pesquisas acadêmicas passaram a ter a colaboração das mulheres para a construção da história da humanidade, onde o conceito de gênero passou a ser amplamente utilizado para:

[...] romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resultava em diferenças inativas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas (MEYER, 2003, p.15).

Com o movimento feminista a abordagem sobre a desigualdade entre homens e mulheres resultante de uma sociedade de dominação masculina, tornou-se pública por meio dos estudos feministas (LISBOA, 2010). Ainda segundo a autora, o pensamento feminista é um conjunto de diversas correntes teóricas com diferentes concepções bem como, pontos de vista sendo que, “caracteriza-se por ser uma prática política e cultural que busca mudar as estruturas desiguais de poder na sociedade, que luta contra inimigos comuns, como o patriarcado, o sexismo, a exploração, a discriminação, homofobia e outros” (LISBOA, 2010, p.69).

Atualmente, de acordo com Campos et al. (2017), o movimento feminista ocupa as ruas e as redes sociais para exigir respeito às mulheres denunciando a violência doméstica, o assédio sexual, a criminalização do aborto e o estupro. Ainda segundo as autoras, neste último, há uma cultura por trás denominada “cultura do estupro”, na qual esta expressão já era utilizada pelas feministas norte-americanas em 1970.

2.6 Cultura do estupro

A cultura pode ser definida de diversas formas por apresentar as diferentes maneiras de organizações sociais, estando relacionada à humanidade e sendo representada pelas nações, sociedades e grupos sociais (BORIS; CESÍDIO, 2007). Ainda segundo estes autores, a cultura refere-se aos “modos de vida de qualquer sociedade, cujos costumes de conduta, comportamentos e formas de pensar são compartilhados e transmitidos pelas pessoas que a compõem e passados de uma geração à outra” (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 445).

Deste modo, segundo Campos et al. (2017), a expressão “cultura do estupro” refere-se a um conjunto de comportamentos, discursos e ações que possibilitam que o estupro seja cometido principalmente contra mulheres na sociedade. Ainda de acordo com as autoras, esse termo foi empregado pela primeira vez nos anos de 1970 por

feministas norte-americanas, que sinalizaram a existência da cultura do estupro (a nossa inserção e até mesmo reprodução dessa cultura) após denunciarem o tratamento social e jurídico que culpabilizava as mulheres vítimas de estupro pelo crime sofrido.

Conforme Diniz (2015), são vários os fatores que colaboram com a construção, reprodução e disseminação da cultura do estupro. Podendo citar além do ato de estupro:

Os olhares, os assédios verbais, os comentários machistas, os contatos físicos (principalmente em transportes públicos) compreendem uma pluralidade de situações constrangedoras que as mulheres sofrem diariamente. Ainda há, na sociedade atual, pensamentos que culpam a mulher pela violência sofrida, independentemente de qual seja. Vestimentas que mostram um pouco mais a pele e as formas corporais, gestos, olhares, embriaguez, estar sozinha em locais desertos ou em horários não convencionais, ou apenas em situações que impossibilitem sua defesa (DINIZ, 2015, p. 41).

A culpabilização da vítima de estupro é um dos elementos que compõem a cultura do estupro, por meio da qual é atribuída a culpabilidade pelo crime ocorrido à mulher, colocando em pauta a veracidade da acusação, visando à retirada ou amenização da responsabilidade do agressor pelo crime. Para isso, a mulher é questionada se estava bêbada, se no momento do ato estava vestindo algo “vulgar”, o horário que aconteceu e se estava sozinha, entre outras circunstâncias que são averiguadas, sendo estas utilizadas para culpar a mulher (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017). Ainda segundo as autoras, a objetificação da mulher é outra característica prevalente na cultura do estupro, em que a mulher é vista como objeto para fins sexuais, sendo idealizada a imagem da “mulher perfeita” para o consumo masculino e para consumo de padrão de beleza pelas mulheres.

Desta forma, a existência da cultura do estupro na sociedade relaciona-se ao desdobramento do gênero, bem como do poder do homem sobre a mulher e da violência causada a ela, os quais são além de justificados, naturalizados e ofuscados a mercê do machismo, da opressão e da misoginia. Assim, a desigualdade de gênero, o consentimento à violência e a retirada da liberdade sexual da mulher, são fundamentais para a subsistência do patriarcado e a permanência da cultura do estupro (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017).

De acordo com Campos et al. (2017), no Brasil a cultura do estupro está vinculada desde o nosso passado colonial, quando as escravas eram violentadas sexualmente para satisfazer as vontades de seus patriarcas, como descrevem as autoras:

[...] as mulheres negras, escravas, eram consideradas “coisas”, propriedades dos donos das fazendas e eram sistematicamente estupradas, além de sofrerem diversas outras violências. Eram responsabilizadas pelas mulheres brancas e pelos homens brancos pela suposta sedução do “senhor”. O comportamento violento dos senhores brancos, donos das escravas e escravos, não era questionado. A hipersexualização das mulheres negras advém dessa criação para justificar o estupro. Assim, o sexismo e o racismo fundamentam a cultura do estupro no Brasil (CAMPOS et al., 2017, p. 989).

Ou seja, para além das questões de gênero, é necessário pontuar as questões de classe e etnia, que estão atreladas à cultura do estupro. Infelizmente, até os dias atuais, as mulheres negras, pobres, indígenas, seguem sofrendo os efeitos dessa hipersexualização, ao mesmo tempo em que carregam um estigma ainda maior acerca da objetificação do corpo feminino.

Atualmente no Brasil, a cultura do estupro virou tema de debate em programas de tv e nas redes sociais. O assunto ganhou repercussão nacional principalmente após o estupro coletivo ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de maio de 2016, em que o mesmo foi praticado por trinta e três (33) homens contra uma adolescente de 16 anos. Além do estupro, a jovem teve imagens divulgadas nas redes sociais de momentos da violência sexual⁴ (G1 RIO DE JANEIRO, 2016, s/p).

O que também foi alvo de discussões no país em relação à cultura do estupro, foi o discurso de Jair Messias Bolsonaro que na época era deputado e atualmente é o presidente do Brasil. Em discussão com a deputada Maria do Rosário, o mesmo falou para ela “que não a estupraria porque ela não merecia”⁵ (ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL, 2014). Comportamentos machistas como o do atual presidente, além de incentivar falas, atitudes e pensamentos semelhantes, podem ser

⁴ Essa notícia está disponível no link:

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acesso em: 14 de set de 2019.

⁵ Essa notícia pode ser acessada por meio do link:

<https://www.oab.org.br/noticia/27949/deputado-e-denunciado-por-incipitacao-ao-estupro> Acesso em: 14 de set de 2019.

naturalizados e reproduzidos por outras pessoas fazendo com que a cultura do estupro permaneça intrínseca na sociedade (SOMMACAL; TAGLIARI, 2017).

Portanto, a cultura do estupro “não é uma violência apenas contra a mulher, seu corpo e sua dignidade, mas também confronta com o país e sua ordem social, cujos monstros são reflexos do poder masculino sobre o feminino” (DINIZ, 2015, p.43).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa enquadrou-se no viés quali-quantitativo, cuja coleta de dados envolveu as duas perspectivas, porém a análise se deu de modo preponderantemente qualitativo. De acordo com Creswell (2007), os métodos mistos reúnem em um único estudo dados quantitativos e qualitativos, os quais por mais complexos que os dados e análise possam ser, essas formas múltiplas ajudam os pesquisadores a desenvolverem projetos compreensíveis.

Para a obtenção dos dados desta pesquisa, foi utilizado um questionário (apêndice A), sendo este desenvolvido na ferramenta online *Google Forms*, a qual é disponível gratuitamente e de livre acesso. O questionário foi aplicado durante o segundo período do ano letivo de 2019, nos meses de agosto e setembro, com estudantes de Licenciatura dos cursos de Ciências Biológicas, Física, Letras e Química da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Realeza/Paraná.

Para a divulgação e busca por adesão de participantes à pesquisa, o questionário foi enviado aos estudantes por meio do endereço eletrônico registrado institucionalmente. Além disso, a divulgação foi reforçada utilizando a rede social *Facebook*, por meio do envio de mensagens com informações sobre a pesquisa juntamente com o link do questionário, no grupo da UFFS do *campus* Realeza e nos grupos dos cursos de Licenciatura. Similarmente, foi divulgado nos grupos de *WhatsApp* de algumas turmas dos cursos participantes. Além disso, foi utilizado um momento da aula da professora orientadora para comunicar os estudantes sobre a pesquisa e a importância da participação dos mesmos.

No início do questionário, constava o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), disponibilizado na íntegra neste trabalho (apêndice B), o qual foi aprovado pelo comitê de ética da universidade, conforme Parecer nº 3.127.075 (registrado na plataforma sob o nº: CAAE 04099118.4.0000.5564). Neste termo, foi explicado sobre o que se referia a pesquisa e seu objetivo geral. Também foi ressaltado que a participação não era obrigatória e que não haveria remuneração ou algum tipo de recompensa, sendo uma participação voluntária. Além disso, no TCLE os participantes

foram informados que caso não se sentissem à vontade de responder o questionário na íntegra, teriam total liberdade para interromper o mesmo. Para ter acesso às perguntas do questionário, o participante precisava marcar a opção que declarava que havia entendido os objetivos e condições de participação na pesquisa, além de concordar em participar.

O questionário era composto por 41 perguntas, apresentando 34 questões objetivas e 7 questões descritivas. As perguntas foram divididas em 4 seções, na primeira seção foi perguntado os dados pessoais do participante, já na segunda seção as questões foram voltadas para a cultura do estupro, sendo questionado o conhecimento do participante acerca do tema. Na terceira seção, foram questões sobre o estupro, para saber qual o entendimento do participante sobre a agressão sexual. Na quarta e última seção foi elaborado questões envolvendo a temática, contendo perguntas com frases de cunho popular para saber se o participante reproduz as mesmas em situações em que se faz presente a cultura do estupro e questões afirmativas para saber se o participante concorda ou não com a afirmação.

Algumas perguntas, embora semelhantes entre si, foram intercaladas na mesma seção com o intuito de evitar a indução das respostas dos participantes. Outras foram mantidas em seções diferentes mas visavam observar se as respostas convergiam nas definições conceituais, por exemplo: O que é a cultura do estupro?; O que é estupro? Dessa forma, procurou-se analisar se as percepções acerca do estupro e desta cultura são iguais ou diferentes na visão do mesmo participante.

Após a coleta de dados, estes foram organizados em diferentes grupos: os objetivos e os descritivos, sendo estes últimos analisados discursivamente, com atenção para os dados que procuravam responder aos objetivos elencados para esta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Quem são os participantes?

Participaram da pesquisa oitenta e seis estudantes dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Realeza/Paraná. Dentre estes, cinquenta são do curso de Ciências Biológicas (58,1%), dezessete do curso de Química (19,8%), quatorze do curso de Letras (16,3%) e 5 do curso de Física (5,8%). Houve uma maior participação dos estudantes de Ciências Biológicas, em virtude das pesquisadoras serem aluna e professora do respectivo curso, o que possibilitou uma maior divulgação da pesquisa entre os alunos deste curso.

Com relação ao gênero dos participantes, sessenta e sete são mulheres (77,9%) e dezenove são homens (22,1%). Pressupõe-se a maior participação feminina por dois possíveis motivos: maior concentração de mulheres no curso com maior adesão à pesquisa, ou o interesse das mulheres em relação à temática, podendo este último estar atrelado ao fato de constituírem o gênero mais atingido pela cultura do estupro.

Sobre a idade dos participantes, trinta e três estão entre a faixa etária de vinte a vinte e quatro anos (38,4%), vinte e oito na faixa etária de dezenove a vinte e um (32,6%), onze na faixa etária de vinte e cinco a vinte e sete (12,8%), 07 na faixa etária de dezesseis a dezoito anos (8,1%), e 07 correspondem à faixa etária entre vinte e oito a quarenta e quatro anos (8,1%). Já sobre a etnia dos participantes, cinquenta e oito consideram-se brancos (67,4%), vinte e quatro pardos (27,9%) e 4 negros (4,7%).

4.2 Afinal, o estupro tem uma cultura?

Como já descrito na metodologia deste trabalho, na seção 2 do questionário os participantes responderam questões relacionadas à cultura do estupro, sendo a mesma elaborada para compreender os conhecimentos dos participantes em relação à temática.

Inicialmente, os participantes foram questionados se a cultura do estupro existe, setenta e nove dos participantes responderam “sim” (91,9%), 6 responderam que “talvez” (7%) e apenas 1 respondeu que esta cultura não existe. Em relação ao conhecimento dos participantes sobre a temática, cinquenta e dois responderam que entendem o que é a cultura do estupro (60,5%), vinte e oito que “talvez” (32,6%) e 6 responderam que não tinham compreensão sobre o assunto (7%).

Para esmiuçar o entendimento dos participantes sobre a cultura do estupro, foi solicitado que descrevessem o que compreendiam por esta cultura. Nessa indagação, foram citados diferentes aspectos, os quais foram agrupados conforme as palavras mencionadas com maior recorrência, para se ter uma melhor visualização e comparação das percepções. As respostas ficaram reunidas da seguinte maneira: abuso/ato/violência sexual; assédio; história/cultura da sociedade; estupro normalizado/naturalizado; comportamento/discurso; ato sem consentimento; culpabilização da vítima; machismo; expectativas acerca do “comportamento feminino”; sexualização; objetificação; não soube responder.

Dentre essas categorias, a que mais teve percepções semelhantes foi o estupro normalizado/naturalizado, totalizando vinte e duas respostas. De acordo com os participantes autores destas respostas, a cultura do estupro é a violência sexual naturalizada e normalizada pelas pessoas e/ou pela sociedade em geral. São utilizados diferentes exemplos para justificar esse entendimento, tomado não como uma conformidade com o pensamento dos participantes, mas como uma justificativa pela existência desta cultura, como: *Ato do estupro é visto como até “normal dos homens por sentirem necessidades e não se controlar”*; *Relativização e naturalização do estupro em razão dos diferentes papéis de gênero e seu jogo de poder*; *Quando o estupro é tratado como normal ou justificável. “Ela estava com roupa muito curta”*; *Uma forma de aceitar o estupro como algo natural. Exemplo: Letras de músicas que objetificam a mulher*; *É uma fase na qual o estupro é tratado com normalidade, é utilizado esse termo para “culpar” a vítima e vitimizar os estupradores.*⁶

⁶ Toda vez que forem apresentadas falas dos participantes da pesquisa, estas serão destacadas em itálico. E quando forem mencionadas duas ou mais respostas de diferentes participantes em sequência, estas serão separadas pelo sinal ponto e vírgula (;).

Já no entendimento de dezoito participantes, compreende-se que a cultura do estupro integra a história da humanidade fazendo assim parte da nossa cultura. Estes mencionaram que a cultura do estupro é algo que está enraizado em nossas práticas, o que acaba sendo influenciado pela sociedade por ser considerado há muito tempo algo justificado em virtude da dominação masculina. Conforme mencionado no capítulo 4.1 deste trabalho, segundo Boris e Cesídio (2007) isso decorre da formação de uma sociedade patriarcal em que a mulher era submissa ao homem (e cabe destacar o quanto isso ainda se mantém sob as mais diversas formas), o que permitiu ao homem o poder de controlar a vida da mulher como se ela fosse uma de suas posses.

A título de exemplo, uma das respostas que o participante descreve como esta cultura se faz presente na sociedade: *Para mim, cultura do estupro é uma construção social que já vem de décadas. É esta construção vem de algo tão prejudicial quanto, que é o machismo. É essa cultura, que faz com que mulheres sejam violentadas fisicamente, psicologicamente e socialmente. É essa cultura que diz que a mulher não deve andar de roupa curta, pq se não está pedindo para ser violentada, que não pode sair a noite, que não pode beber, que não pode ter amizade com homem, que não pode ficar sozinha com um homem ou até mesmo ser simpática com algum, pq caso tenha qualquer uma dessas atitudes, ela estava "pedindo" para se violentada.*

O comportamento, discurso, ações e costumes são descritos por onze participantes como forma de entendimento sobre a cultura do estupro. Os mesmos caracterizam essa cultura como algo presente na subjetividade das pessoas, sendo essas práticas utilizadas para violentar, objetificar, assediar, denegrir e justificar a violência sexual com um discurso que culpabiliza a vítima por estar sofrendo esse tipo de violência. Estas percepções convergem com as respostas analisadas acima, que descrevem a cultura do estupro como algo constituído na cultura da sociedade, pois esta é construída assim como a subjetividade das pessoas, ou seja, as formas de pensar, agir e expor seus ideais são frutos desta construção e quando determinados comportamentos e argumentos são reforçados pela sociedade, permite-se que sejam reproduzidos e que continuem fazendo parte da nossa cultura.

A culpabilização da vítima é descrita como entendimento da cultura do estupro para 8 participantes, os quais sinalizaram que esta cultura se constitui por meio de justificativas utilizadas para legitimar a violência sexual, como a roupa que a vítima

estava usando no momento do ocorrido, por estarem sozinhas ou não estarem acompanhadas na presença de um homem, por estarem embriagadas, dentre outros argumentos que são comumente usados para culpabilizar a vítima e vitimizar o agressor, como se a vítima estivesse “pedindo” para ser violentada, e o agressor não tivesse escolha, se sentindo impelido a praticar a agressão.

Para alguns participantes, o entendimento sobre a cultura do estupro está diretamente ligado ao crime de estupro, sendo utilizados como definição abuso/ato/violência sexual (4 participantes), assim como os que definem esta cultura como ato sexual sem consentimento (6 participantes). Já para outros participantes, esta cultura está relacionada à sexualização (1 participante) e objetificação da vítima (2 participantes), casos em que a mesma é vista como um objeto, sendo usada para fins de satisfação sexual.

Outros participantes compreendem que a cultura do estupro está relacionada com práticas de assédio (3 participantes), bem como expectativas acerca do “comportamento feminino” (3 participantes), como exemplo: *a figura que é construída de uma mulher “decente”*. Alguns participantes também apresentaram a percepção de que a cultura do estupro é a cultura machista que acredita que o homem possui direitos sobre a mulher (4 participantes), e os demais (4 participantes) não souberam definir a cultura do estupro.

Quando questionados se a cultura do estupro está presente na sociedade há muito tempo ou se é algo recente, todos os participantes responderam que esta cultura existe há muito tempo, o que reitera as respostas da pergunta anterior. Muitas expressões reforçam a compreensão do quanto a historicidade dessa prática está ligada a elementos como: patriarcado, machismo, culpabilização e objetificação. O uso de termos como patriarcado e machismo em mais de uma resposta por participante, revela como essa percepção da história cultural da sociedade é presente na opinião dos mesmos, o que comprova ainda mais o quanto estão inteirados nesse assunto, em vista de que o patriarcado e o machismo são elementos constituintes da nossa sociedade que nos acompanha há séculos.

Além disso, vários participantes deram ênfase à objetificação da mulher, citando que esta prática de resumir a mulher a um objeto, sobretudo para fins sexuais, vem de séculos, ou seja, a mulher é vista e usada como uma mercadoria

principalmente pelos homens por acharem que as mesmas são submissas e devem realizar suas vontades sexuais, o que contribui de forma significativa para a cultura do estupro. Do mesmo modo, alguns participantes apontaram que atualmente quem mais objetifica a mulher é a mídia, por fazer o uso da figura feminina sexualizada para promover a venda de diferentes produtos.

Outros elementos históricos também foram sinalizados para justificar que a cultura do estupro está presente há muito tempo na sociedade, como: *Desde quando a igreja trata a mulher como submissa ao homem; Nos lares, na tv, em revistas, filmes, até mesmo nas leis; Principalmente em países cristãos, pois em vários pontos a bíblia deixa evidente essa defesa da submissão da mulher; Podemos citar os Senhores de Engenhos, que estupravam as suas escravas; O termo foi utilizado se não me engano pela primeira vez na segunda onda feminista, evidenciando que esta já existia.* As justificativas utilizadas pelos participantes, trazem exemplos que vão desde a igreja, o tempo da escravidão, o movimento feminista até os dias atuais com as mídias.

Para compreender como os participantes entendiam que a cultura do estupro é disseminada, foram dispostas as seguintes opções de múltipla escolha, podendo ser marcada mais de uma: discursos; comportamentos; atitudes; violência; estímulo; legitimação; aceitação; todas as opções. Nesta, quarenta e nove participantes marcaram a opção “todas” (57%), e trinta e sete participantes marcaram somente uma ou mais opções (43%).

Os participantes também foram questionados sobre quem é mais suscetível enquanto vítima da cultura do estupro. Nesta, setenta e oito participantes afirmaram que a mulher é mais vulnerável a esta cultura (91,9%), e 8 acreditam que ambos os gêneros são propensos a este tipo de cultura (8,1%). Aqueles que opinaram que as mulheres são as principais vítimas da cultura do estupro, utilizaram justificativas semelhantes das demais perguntas, trazendo a questão histórica da sociedade em que a mulher é submissa ao homem, sendo sexualizada, objetificada e vista como ser frágil. A título de exemplo, trazemos a resposta de uma participante: *As mulheres foram desde sempre (muitas continuam sendo) tratadas como um objeto pertencente ao homem ou como ser inferior. Por este motivo, muitos homens, os quais possuem esse tipo de pensamento, sentem-se no direito de praticar qualquer ato contra uma mulher*

(mais ou menos grave) sem que haja problemas, até porque, seguindo essa linha de raciocínio, a mulher deveria ser submissa e obrigada a atender suas vontades.

Já para os participantes que acreditam que ambos os gêneros são suscetíveis a esse tipo de cultura, é utilizado como justificativa o fato de os meninos enquanto crianças também sofrerem violência sexual e a questão dos homens LGBTQ+ que acabam sendo acometidos por esta cultura, por serem vistos como “afeminados”. Nesse caso, os homossexuais são tidos como figuras frágeis e submissos, assim como as mulheres.

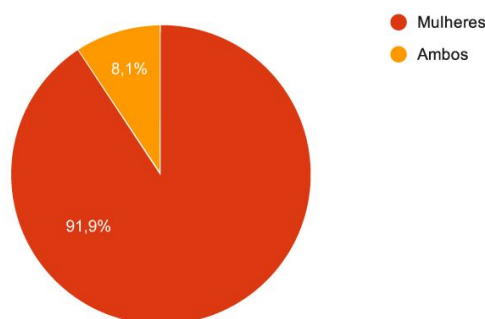
Além disso, foi perguntado aos participantes se a cultura do estupro é constituída somente pela violência sexual. Nesta, oitenta e dois responderam “não” (95,3%), 3 participantes responderam “sim” (3,5%) e 1 respondeu que não sabia opinar (1,2%). De acordo com Sousa (2017), a cultura do estupro é o conjunto de violências simbólicas que permite a defesa, a tolerância bem como, o incentivo à violência sexual, podendo causar a pessoa violentada danos físicos, psicológicos ou morais.

4.3 Mulheres são as principais vítimas de estupro

Os dados anteriores sobre quem é mais suscetível à cultura do estupro coincidem com as respostas de uma das perguntas da seção 3 do questionário, sobre quem é mais vulnerável ao estupro, conforme ilustram os gráficos abaixo (figura 2) e (figura 3):

5. Na sua opinião, quem é mais suscetível (enquanto vítima) a esta cultura?

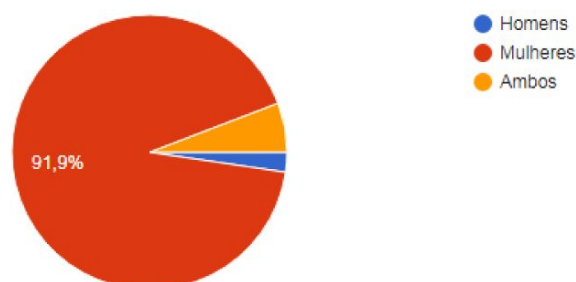
86 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa realizada.

2. Quem é mais suscetível a esse tipo de violência?

86 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa realizada.

De acordo com setenta e nove participantes (91,9%), as mulheres são as principais vítimas de estupro, 5 acreditam que ambos os gêneros são suscetíveis a esse tipo de violência (5,8%), e apenas 2 consideram que os homens são os mais cometidos por esta violência sexual (2,3%). Ao analisar as percepções de forma individual das participantes que marcaram nesta questão que os homens são os mais suscetíveis ao estupro, constatou-se um erro de interpretação da pergunta, em vista que nas demais respostas do questionário as mesmas trouxeram elementos que acreditam que as mulheres são as principais vítimas, tanto da cultura quanto da violência sexual.

Segundo os dados do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019)⁷, os registros de estupro e estupro de vulnerável dos anos de 2017 e 2018 apresentou o total de 127.585 casos, desses 81,8% das vítimas eram do sexo feminino (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019).

Conforme consta no artigo 213 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40, o estupro é o ato de: “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (BRASIL, 2009, s/p). Já, no artigo 217-A, apresenta que o estupro de vulnerável é:

Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos [...]

⁷ Dados disponíveis no link:

<<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>> Acesso em: 14 de out de 2019.

§ 1º Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência (BRASIL, 2009, s/p).

Essa definição do que consiste o crime estupro segundo a lei, converge com as percepções da maioria dos participantes quando questionados sobre o que é o estupro. Eles definiram com diferentes termos: ato, abuso, violência, relação, agressão e violação sexual, na qual cinquenta e um participantes enfatizaram que é uma ação realizada sem o consentimento de uma das pessoas envolvidas.

Os participantes também foram questionados com relação à idade da vítima, quem eles acreditavam que era mais vulnerável a esse tipo de violência sexual. Nessa questão, sessenta participantes marcaram que crianças são as mais vulneráveis (69,8%), vinte e quatro marcaram que pessoas jovens são mais suscetíveis (27,9%), e dois participantes marcaram que pessoas adultas são propícias a sofrerem esse tipo de violência (2,3%). De acordo com os Dados do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019), 63,8% dos estupros ocorridos nos anos de 2017 e 2018 foram cometidos contra vulneráveis e 36,2% em jovens e adultos (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019). Ainda segundo dados do Anuário, “Ao desagregar os dados por sexo verificamos que o ápice da violência sexual entre as meninas se dá aos 13 anos; o auge da vitimização entre o sexo masculino se deu ainda mais cedo, sendo o ápice dos estupros entre os meninos aos 7 anos” (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019, p.119).

Quando questionados se na maioria dos casos de estupro o agressor é uma pessoa conhecida ou desconhecida da vítima, oitenta e quatro participantes (97,7%) acreditam que esse crime é cometido por alguém próximo da vítima, e dois participantes pressupõem que seja praticado por uma pessoa desconhecida (2,3%). Conforme os Dados do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019), das vítimas de estupro dos dois anos anteriores, 75,9% apresentavam algum tipo de vínculo com o abusador, sendo parentes, companheiros, vizinhos, amigos dentre outras relações e 24,1% dos casos foram agressores desconhecidos das vítimas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019).

Foi perguntado aos participantes se para ser considerado estupro necessariamente precisa ter penetração. Nesta questão, setenta e sete responderam que “não” (89,5%), 3 participantes responderam que “sim” (3,5%) e 7 participantes não souberam opinar (7%). Também foi questionado quais das seguintes opções se enquadram como estupro: sexo vaginal forçado; sexo anal forçado; sexo oral forçado; masturbação forçada; beijo forçado; tocar no corpo da pessoa sem consentimento; todas as opções; nenhuma das opções. Nessa indagação, setenta e dois participantes marcaram todas as opções (83,7%), e os demais participantes não consideraram algumas opções como estupro, sendo elas: beijo forçado (6 participantes) e tocar no corpo da pessoa sem consentimento (8 participantes).

De acordo com Sousa (2007), durante muito tempo só foi considerado como estupro os casos em que a conjunção carnal envolvesse penetração vaginal e constatado que esta fosse forçada. Isso revela uma concepção falocêntrica, sendo desconsideradas outras práticas de violência sexuais como o sexo anal, oral, masturbação, beijo e as demais práticas que não envolvem necessariamente a penetração vaginal.

Quando questionados em qual local mais ocorrem casos de estupro, sessenta e quatro participantes acreditam que seja em casa (74,4%), doze participantes acham que ocorrem na rua (14%), 5 participantes supõem que acontecem em festas (5,8%) e 5 participantes não souberam escolher apenas um local (5,8%). Segundo os Dados do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019), apenas em 10,6% dos casos registrados nos dois anos anteriores foi relatado em que local aconteceu a agressão, o que dificulta delinear o local que mais ocorre esse tipo de violência (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019).

4.4 A trama social discursiva que envolve a cultura do estupro

Como forma de compreensão da percepção dos participantes com relação aos contextos sociais e discursos que colaboram para a cultura do estupro, foram apresentadas opções de múltipla escolha e deixado em aberto para marcar mais de uma opção caso o participante quisesse. As opções colocadas foram: sociedade; mídia; família; religião; ciência; escola/universidade; nenhuma; outros. A opção mais

marcada foi sociedade, por oitenta participantes, em seguida a mídia por setenta e quatro participantes, a religião por sessenta e dois e a família por cinquenta e quatro participantes.

Na questão seguinte, os participantes tiveram que escolher apenas um contexto social ou discursivo que mais reforça a cultura do estupro e justificar o porquê de sua escolha. Nesta, trinta participantes escolheram a sociedade como principal contexto social, quinze participantes escolheram a mídia, treze a religião e 5 participantes escolheram a família. Os demais participantes (vinte e três) não conseguiram escolher apenas um. Foram utilizadas diferentes justificativas: *A sociedade, visto que ela é formada por pessoas que possuem ideologias formadas por todos os outros meios; Principalmente a mídia pois observamos a representação da mulher, por exemplo, em propagandas de cerveja em que elas aparecem seminuas, reforçando a ideia da mulher apenas para fins sexuais; Acredito que a religião, por terem regras, e em muitas delas, dominação sobre o corpo da mulher e obediência ao marido, barrar de estudar, obrigar a ter filhos, a condenar como pecado o prazer por exemplo, que é algo muito barrado nas mulheres, e que ela deve cuidar da família, filhos e maridos; Muitas vezes a família também reforça essa ideia quando desde cedo REPRIME a menina com frases do tipo: "fecha as pernas", "não use roupa curta" etc; Acredito que todos eles estão interligados, se a sociedade aceita a cultura do estupro, logo dentro da própria família há um discurso para se adequar ao que a sociedade exige, dentro desse contexto ainda tem a grande mídia relativizando e reafirmando essas culturas, e a religião que é mantenedora de discursos machistas e que colocam as mulheres no lugar de submissão e aceitação, além de todo o preconceito histórico dentro das religiões⁸.*

De fato é complicado para o participante escolher apenas uma opção, porque os discursos se sobrepõem, em vista que uma família não vai ser formada por um discurso que pertence estritamente à família, a mídia vai apresentar elementos discursivos que perpassam questões religiosas, questões estas que por sua vez a própria sociedade espera escutar/ver sendo reproduzidas, por exemplo, para conseguir ter audiência. O discurso religioso é o mais conservador em vista de reproduzir o mesmo há muito tempo, ou seja, as religiões para obterem a legitimação desejada

⁸ Os destaques que aparecerem nas respostas em caixa alta foram realizados pelos participantes.

tendem a se ancorar em um discurso que pode atravessar séculos de história, por outro lado também perpassa o próprio discurso da família.

A sociedade por sua vez, é constituída por: famílias, religiões, artefatos culturais (entre os quais se encontra a mídia), ciência, escolas/universidades. Ou seja, não existe sociedade sem um desses elementos, mesmo que em configurações diferenciadas de uma cultura para outra. Nesse sentido, a quantidade de escolhas pela opção sociedade pode denotar a compreensão dos participantes acerca da variedade de discursos que se sobrepõem, são reiterados e reproduzidos em diferentes tramas. Podemos pensar a trama discursiva com a metáfora de um tecido em que diferentes fios compõem uma trama e, quando queremos separar uns dos outros, estes deixam de ser tecido, ou seja, não há como separar determinados discursos e suas possíveis origens.

4.5 Fatores não estupram. Homens estupram.

As perguntas na sequência procuram trazer valores morais presentes na sociedade e tentam mensurar as percepções sobre os participantes acerca desses valores. Esse movimento foi feito justamente para ver se teria esse contraponto, se ao apresentar frases de cunho popular haveria ou não a concordância com as afirmações.

Diante das seguintes expressões: É inapropriado a mulher sair com os amigos (as) sem o parceiro? Mulheres que usam "roupa curta" na rua ou demais espaços públicos, pedem para ser assediadas? Mais de 94% dos participantes marcaram “não”, no sentido de não concordarem com as afirmações, apenas 1 participante (gênero masculino) marcou que é inapropriado a mulher sair sem o parceiro (1,2%), e 4% marcaram a opção “talvez” para ambas as perguntas. Quando questionados se uma mulher ao beijar vários homens em uma festa poderia ser considerada uma “mulher fácil”, setenta e quatro participantes responderam “não” (86%), 6 “sim” (7%) e 6 responderam “talvez” (7%).

Pode-se supor que entre os 7% dos participantes que responderam “sim e talvez”, alguns podem ter se pautado nas interpretações da sociedade, ou seja, não quer dizer necessariamente que o participante considere algumas atitudes inapropriadas,

mas a expressão “pode ser considerada” presente na pergunta, abre possibilidades para as percepções de uma forma geral, e não individual do participante.

Já na pergunta que indagava o que significava quando pede-se um beijo para uma mulher e ela diz não, foram dadas as seguintes opções: Ela quer; Se insistir ela muda de idéia; Ela não quer; Ela está fazendo charme. Nesta, oitenta e cinco responderam que significava que ela não quer (98,8%) e apenas 1 participante respondeu que ela está fazendo charme (1,2%). Ao analisar de forma individual o questionário do participante, percebe-se que o mesmo marcou em quase todas as perguntas de cunho popular a opção “talvez”, sendo que também marcou essa mesma opção no questionamento se a cultura do estupro existe.

Quando questionados se a presença do hormônio testosterona no organismo masculino é uma das causas da violência sexual cometida pelos homens, setenta e sete participantes responderam “não” (89,5%), 2 “sim” (2,3%) e 7 responderam que “talvez” (8,1%). Analisando de forma individual o perfil dos participantes que responderam “sim e talvez”, nota-se que apenas um participante do gênero masculino marcou a opção “talvez”, o restante são todas participantes do gênero feminino, sendo que 2 marcaram “sim”, e 6 “talvez”. Estes dados permitem supor o quanto as próprias mulheres também disseminam e inclusive reforçam a cultura do estupro por meio de discursos machistas, concordando com afirmações que tentam justificar de forma equivocada atos masculinos de violência.

Também foi perguntado se está no instinto do homem provocar mulheres na rua, nesta questão sessenta e seis participantes marcaram “não” (76,7%), doze responderam “sim” (14%) e 8 participantes marcaram a opção “talvez” (9,3%). Apenas um participante do gênero masculino marcou a opção “talvez”, ou seja, as demais respostas “sim e talvez” são de participantes do gênero feminino. Mais uma vez reitera-se a reprodução de discursos machistas por parte destas participantes.

É alarmante observar que é mais fácil justificar um assédio como algo instintivo, legitimando esses atos como próprios da natureza masculina, do que compreender que a liberdade para o assédio é uma construção cultural. Prova disso são os assédios em espaços públicos que caracterizam-se de formas variadas em diferentes países. Por outro lado, quando analisa-se o modo de se vestir, inverte-se o discurso,

julgando por vezes a vítima mulher como imprópria por ser vestida de determinadas maneiras, sem considerar a sua liberdade de escolha acerca dos modos de se vestir.

Também foram realizadas perguntas para entender a compreensão dos participantes em relação aos papéis de gênero, sendo indagados se os homens são incentivados desde crianças a serem “pegadores” e se mulheres são ensinadas desde a infância a serem donas de casa, esposas, mães, entre outros papéis sociais atribuídos ao gênero. Na pergunta voltada para o gênero masculino, setenta e um participantes responderam “sim” (82,6%), 4 “não” (4,6%) e onze participantes marcaram a opção “talvez” (12,8%). Já na questão voltada para o gênero feminino, sessenta e sete participantes marcaram a opção “sim” (78%), 4 “não” (4,6%) e quinze responderam “talvez” (17,4%).

É inegável a educação acerca dos diferentes papéis de gênero esperados pela sociedade desde a infância, conforme ilustra Adichie (2017) em um relato sobre a compra de um presente para a afilhada:

Olhei para a seção de brinquedos, também organizados por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são ‘ativos’, pedindo algum tipo de ‘ação’ trens, carinhos, e os brinquedos de meninas geralmente são ‘passivos’, sendo a imensa maioria bonecas” (ADICHIE, 2017, p. 24).

Desse modo, os papéis de gênero são impostos desde muito cedo, de modo que as meninas são instigadas a ter envolvimento materno e desenvolver atividades domésticas, enquanto os meninos aprendem a ter espírito de liderança, ser valentes e garanhões (LIMA et al., 2017).

Ou seja, através de brinquedos, roupas, livros, músicas, programas televisivos dentre outros, delimita-se o que pertence ao gênero masculino ou feminino. Esta educação pode se dar de forma mais sutil ou escancarada, variando de uma cultura para outra e inclusive da educação de uma família para outra. Em vista disso, é possível que alguns participantes tenham marcado a opção “talvez”, pensando na sua própria educação. No entanto, é inegável que a educação acerca dos diferentes papéis de gênero não ocorre somente no âmbito familiar, ou seja, a sociedade como um todo

por meio de sua trama variada de discursos está nos educando, constituindo nossas identidades, preconceitos, formas de pensar e agir.

Também foi perguntado se é inapropriado mulheres ficarem alcoolizadas em locais públicos. Nesta, setenta e oito participantes responderam “não” (90,7%), 4 “sim” (4,7%) e 4 responderam “talvez” (4,7%). Quando questionados se mulheres bêbadas são suscetíveis ao estupro, trinta e oito participantes responderam “sim” (44%), vinte e quatro marcaram a opção “não” (28%) e vinte e quatro participantes responderam “talvez” (28%). Na questão seguinte, os participantes tiveram que justificar sua resposta anterior. Os que concordaram que mulheres bêbadas são mais vulneráveis ao estupro utilizaram argumentos que reiteram que o abusador se aproveita da situação para praticar a violência sexual, em vista da vítima estar sob efeito de uma droga mesmo que lícita, essa dificulta a pessoa de se defender, tomar decisões, pedir ajuda, bem como aceitar com mais facilidade ajuda e carona de desconhecidos. Uma participante justificou sua resposta afirmando que ela já vivenciou um estupro justamente por estar embriagada, que num momento de fragilidade aconteceu a violência sexual.

Já os participantes que contestaram, que acreditam que a mulher bêbada não é suscetível ao estupro, utilizaram justificativas como: *Infelizmente, mulheres são suscetíveis ao estupro, não precisando estarem bêbadas para isso; Não existe pessoa suscetível ou não, existe um crime que não deveria ocorrer, não importa como a mulher ou vítima estava; Para estar suscetível basta ser mulher; Não. Se a mulher não quer, ela vai dizer não, sóbria ou bêbada; Estar bêbada não significa que a mulher é fácil. Acredito que pode estar bêbada, mas ainda tem consciência do que está fazendo.* Como demonstrado, os mesmos apresentaram diferentes percepções com relação a este questionamento, porém comparando as respostas, houve um maior número de opiniões que compartilharam de um mesmo olhar afirmando que o fato de ser mulher já nos torna vulneráveis ao estupro, o álcool apenas potencializa essa indefensibilidade.

Com relação aos participantes que responderam “talvez”, são considerados diferentes aspectos além do fato de estar alcoolizada como: por estar sozinha, por achar a mulher um ser frágil, pelo homem se aproveitar da situação esperando a oportunidade para cometer o crime, por achar que a mulher não consegue raciocinar direito e nem agir de forma consciente quando está sob efeito do álcool.

Já para saber como os participantes reagiriam ao presenciar circunstâncias em que a cultura do estupro se faz presente, foram feitas perguntas de situações hipotéticas, sendo estas: se você presenciasse a cena de uma mulher sendo forçada a entrar num carro, o que você faria diante dessa situação? E ao ver uma mulher sendo assediada em um local público o que você faria? Para ambas as perguntas foram dadas as seguintes opções de respostas: nada; tentaria impedir; chamaria a polícia; fingiria que não viu; buscaria ajuda; outros. Dos oitenta e seis participantes da pesquisa, na primeira situação quarenta participantes tentariam impedir, vinte e seis chamariam a polícia, quinze participantes buscariam ajuda, apenas 1 fingiria que não viu. Os demais afirmaram que teriam outras atitudes em relação à situação (4 participantes), como: faria um escândalo para ajudar; partiria para a agressão; se aproximaria da mulher; analisaria a situação. Já na outra circunstância, cinquenta e quatro participantes tentariam impedir, doze chamariam a polícia, doze participantes buscariam ajuda, 2 fingiriam que não viu, 2 participantes não fariam nada diante do ocorrido e os demais reagiriam de outras formas (4 participantes), entre as quais: conversaria para ver o que realmente está acontecendo; partiria para a agressão; fingiria que conhece a mulher; analisaria a situação e os envolvidos.

Em relação a situações de violência sexual, foi solicitado aos participantes que marcassem quais das seguintes frases os mesmos já disseram e/ou pensaram: Não é horário de mulher estar na rua; Ela disse não, mas eu insisti; Estava bêbada e agora vem posar de vítima; A mulher precisa satisfazer as vontades do homem; Com essa roupa ela está/estava pedindo; Minha parceira não queria transar mas eu estava com vontade e fiz ela mudar de ideia; Ela deveria ter pensado antes de sair sozinha; Se colocou em situação de risco, se estivesse em casa não teria acontecido; Ela estava drogada por isso aconteceu; Na igreja e na escola esse tipo de coisa não acontece; Se saiu com roupa curta é porque queria ficar sem ela; Lugar de mulher é em casa junto da família; Nenhuma.

A opção “Nenhuma” foi a mais marcada, por cinquenta e nove participantes (68,6%), seguida da frase “Com essa roupa ela está/estava pedindo”, treze participantes marcaram esta. As frases: Não é horário de mulher estar na rua; Estava bêbada, e agora vem posar de vítima; A mulher precisa satisfazer as vontades do homem; Se colocou em situação de risco, se estivesse em casa não teria acontecido;

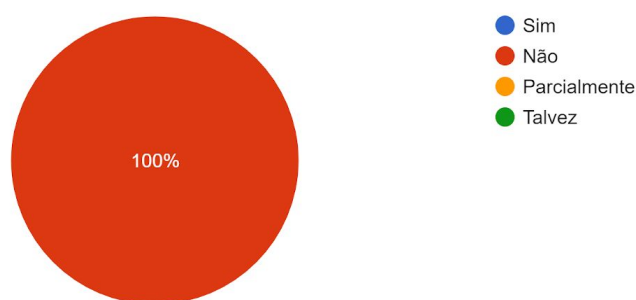
foram marcadas por 10 participantes respectivamente. As demais frases foram marcadas por menos de 9 participantes.

As respostas como um todo nos remetem uma perspectiva otimista acerca deste grupo que participou da pesquisa, em vista de que uma alta porcentagem (91,9%) respondeu que a cultura do estupro existe, inclusive como ela acontece. E no momento que alguém responde que já pensou e/ou falou frases conforme as expressões elencadas acima, isso não necessariamente quer dizer que a pessoa ainda hoje reproduz o mesmo discurso ou tenha essa forma de pensar. Ao olhar para o próprio passado, já me vi pensando e falando coisas do tipo, o que hoje me assusta, porém penso o quão potente são os espaços de desconstrução de determinados discursos, entre eles a universidade.

Por fim, destacamos uma questão cuja resposta foi unânime. Foi solicitado aos participantes, que respondessem se concordavam ou não com a seguinte afirmação: “Quando uma mulher é estuprada, a culpa é dela”. Conforme mostra o gráfico abaixo (figura 4), todos os participantes responderam “não”:

9. Você concorda com a seguinte afirmação: "Quando uma mulher é estuprada, a culpa é dela".

86 respostas



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa realizada.

Na questão seguinte os participantes tiveram que justificar sua resposta anterior, sendo que nesta ficou clara a sensação de revolta dos mesmos. A título de exemplo, reproduzo algumas respostas: *Quem é que pede por violência?; A culpa nunca é da vítima nesse caso. Não existe desculpa, não existe justificativa para o crime estupro. Independente de roupa, horário, drogas ou bebidas. Esses fatores não*

estupram. Homens estupram; Se houve estupro é porque não houve consentimento da vítima então a culpa é de quem não soube ouvir o não, ou não quis ver que a situação da vítima era vulnerável; A culpa é do estuprador. UNICAMENTE; A culpa NUNCA é da vítima!.

A cultura do estupro é reforçada pela culpabilização da vítima. Assim, a partir das respostas dessa pergunta, na qual todos os oitenta e seis participantes (100%) responderam que a culpa não é da vítima, pode-se ter um olhar positivo de que esta cultura um dia venha sofrer desconstruções (e de certo modo, já está), ou seja, assim como ela foi construída ela pode ser desconstruída.

Também vale considerar a faixa etária dos participantes, pois a partir de uma pesquisa realizada pelo Datafolha em 2016, foi constatado que quanto maior a faixa etária maior é o número de pessoas que culpabilizam a vítima pelo estupro (G1 SÃO PAULO, 2016)⁹. Nesse sentido, concentradamente 83,8% dos participantes desta pesquisa têm entre dezenove a vinte e sete anos. Esses dados talvez reforcem que nas novas gerações já há uma visão diferenciada para questões como a objetificação da mulher e a culpabilização da vítima.

Esse olhar otimista se dá em especial ao considerar que ainda nos dias de hoje há algumas notícias veiculadas na mídia, tanto em jornais televisivos de grande circulação quanto em jornais *online*, que noticiam a situação do crime questionando o que a vítima estava fazendo durante o momento da violência. Conforme a pesquisa realizada por Cardoso e Vieira (2014), na qual foram analisadas manchetes de jornais *online*, atualmente ainda há muitos discursos midiáticos que apresentam o crime culpabilizando as vítimas de estupro. Exemplo disso são os títulos de reportagem que enfatizam o local do crime e trazem afirmações dúbias em relação às ações da vítima, como: onde a vítima estava antes de o crime acontecer, além de colocar em dúvida a veracidade da declaração da vítima.

Lembrando que a trama do tecido social discursivo no qual estamos inseridos é composta por diferentes discursos, sendo a mídia um deles, ou seja, a mídia reproduzindo notícias com um teor de indução de culpabilização da vítima pode persuadir as pessoas que as acompanham a pensar desta forma.

⁹ Esses dados estão disponíveis através do link: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-esupro-diz-datafolha.html>>. Acesso em: 30 de set de 2019.

Reforçamos aqui a indignação manifestada em algumas respostas dos participantes, é incontestável que a mulher nunca deve ser culpada por estar sofrendo esse tipo de violência sexual, independente de como, onde, com quem e de que forma ela estava na ocasião do crime. Pressupostos como estes não devem ser questionados para justificar o crime que a mulher sofreu, muito menos ser utilizados como razão de culpabilizar a mesma pelo estupro vivenciado. O único responsável e culpado por esse crime é o estupro. Ainda saliento o que vários participantes (principalmente mulheres) manifestaram em suas respostas, de que nenhuma mulher procura e/ou quer ser estuprada. E finalizo, com o seguinte questionamento: e se os papéis se invertessem, se fossem os homens as principais vítimas do estupro, ainda assim teríamos uma cultura que consente com esse crime?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, olhando para os objetivos que se esperava alcançar no início do mesmo, o que de início talvez parecia difícil de se concretizar, percebo que foi possível atingi-los e o que era temido de acontecer, como se deparar com a maioria das percepções dos colegas acreditando que a cultura do estupro não existe, não ocorreu. A finalização da pesquisa e suas respectivas análises trouxe consigo um alívio, pois foi nítido que o grupo de pessoas que participaram desta pesquisa não compactuam com esse pensamento, ou seja, não contribuem de forma significativa para que esta cultura continue fazendo parte da nossa história.

Assim, ao analisar as percepções dos participantes acerca da cultura do estupro, foi possível perceber que a maioria considera que esta cultura existe (91,9%), trazendo no decorrer de suas respostas elementos que constituem a cultura do estupro, como a história da sociedade marcada pelo patriarcado, o machismo, a naturalização do estupro, a culpabilização da vítima, bem como a sexualização e objetificação da mulher.

A objetificação da mulher está relacionada com as percepções da maioria dos participantes da pesquisa sobre a cultura do estupro, considerando que nas respostas discursivas foram trazidas diferentes concepções que relacionam esta cultura com o fato de a mulher ser vista e definida como um objeto. Entre eles, o patriarcado, o machismo e a mídia são as práticas que mais foram citadas por resumir a mulher em um objeto, em vista que o corpo feminino é sexualizado e considerado principalmente pelos homens como um artefato sexual. Do mesmo modo, a mídia induz essa visão ao usar a imagem sexualizada da mulher para vender diferentes produtos, objetificando seu corpo como um produto que está sendo exibido para consumo.

Já ao analisar a maneira com que os papéis de gênero influenciam na formação das percepções em relação à cultura do estupro, essa influência não ficou tão visível nas respostas, talvez pelo fato de terem sido poucas as perguntas do questionário relacionadas a essa questão e também pela baixa adesão à pesquisa de participantes homens. Porém, é perceptível uma insatisfação das participantes mulheres com alguns papéis atribuídos à elas, como o fato de não poderem sair sozinhas e/ou acompanhadas de amigos(as), beberem e ficarem alcoolizadas em locais públicos, sendo que estas práticas são realizadas de forma natural por homens.

Além disso, destaco as respostas relacionadas à testosterona e ao “instinto” dos homens sendo estas utilizadas como forma de justificativas por homens cometerem atos de violência sexual. Como manifestado, é alarmante observar que é mais fácil justificar um assédio como algo biológico e instintivo, legitimando esses atos como algo próprio da natureza masculina, do que compreender que a liberdade para o assédio é uma construção cultural. Assim, como é lamentável que algumas mulheres também disseminam e inclusive reforçam a cultura do estupro por meio de discursos machistas, concordando com afirmações que tentam justificar de forma equivocada atos de violência sexual, causados principalmente pelo gênero masculino.

Ao analisar se o indivíduo que afirma ser contra a cultura do estupro intervém em situações em que esta cultura é reforçada, foi possível constatar que não necessariamente a pessoa irá intervir, mas ao responder o questionário e se imaginar numa situação hipotética conseguir também imaginar-se intervindo de alguma forma, já é um dado importante para mensurar a possível mudança de algumas práticas sociais.

Foi perceptível o quanto a cultura do estupro envolve uma trama discursiva ampla, prova disso foi a quantidade de escolhas pela opção “sociedade” que pode denotar a compreensão dos participantes acerca da variedade de discursos que se sobrepõem, são reiterados e reproduzidos em diferentes tramas. Também ressalto que de fato é complicado para o participante escolher apenas um contexto social ou discursivo que mais reforça a cultura do estupro, enfatizando a trama discursiva com a metáfora de um tecido em que diferentes fios compõem uma trama, e quando queremos separar uns dos outros, estes deixam de ser tecido.

Comparando as respostas dos estudantes dos diferentes cursos de licenciatura, foi possível analisar que há pouca diferenciação entre as percepções em relação à cultura do estupro, bem como sobre os elementos que a constituem, em vista que na maioria das perguntas relacionadas a esta cultura, as respostas dos participantes convergem entre si. E quando a opinião foi divergente a porcentagem era muito baixa, o que nos fez perceber que as respostas, independente do curso de origem, foram extremamente semelhantes.

Reitero novamente uma visão otimista a partir dos dados obtidos, considerando que possivelmente alguns dos participantes serão futuros professores (pelo fato de

estarem fazendo um curso de licenciatura), o que inclusive justificou a realização deste trabalho. Ou seja, pensar que essas pessoas podem ser figuras de referência para seus alunos, e que discursos e comportamentos que vão contra a cultura do estupro podem ser veiculados em suas aulas bem como em seus espaços de atuação, reforça as possibilidades de desconstrução de alguns discursos extremamente arraigados em nossa sociedade.

Embora o tema cultura do estupro tenha ganhado repercussão há pouco tempo no Brasil, as várias práticas que constituem esta cultura são de fato históricas, ou seja, a mesma está enraizada na história da nossa sociedade. Mas, uma vez que ganham proporção e são alvos de debates, tornam-se objetos de análise. Desta forma, é necessário que as diferentes práticas que constituem a cultura do estupro, algumas delas apresentadas neste trabalho, recebam atenção e sejam analisadas, tornando-se foco de várias pesquisas para que possamos compreender melhor como isso se constrói culturalmente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 94 p.

BARROS, Ana Paula Oliveira. A garota pin-up: objetificação e sexualização da mulher na contemporaneidade. In: 7º SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE. **Seminário**. Rio Grande: Furg, 2018.

BARTKY, Sandra Lee. **Femininity and domination**: Studies in the phenomenology of oppression. New York: Routledge. 1990.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p.451-478, set. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1594/3576>>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei n. 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei n. 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Lei – Planalto, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>. Acesso em: 05 nov. 2018.

CAMPOS, Carmen Hein de et al. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? **Revista Direito Gv**, São Paulo, v. 13, n. 3, p.981-1006, 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6172201738>.

CARDOSO, Isabela; VIEIRA, Viviane. A mídia na culpabilização da vítima de violência sexual: o discurso de notícias sobre estupro em jornais eletrônicos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 69-85, dez.2014.

COSTA, Ana Kerlly Souza da. HIPERSEXUALIZAÇÃO FRENTE AO EMPODERAMENTO: A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO EVIDENCIADA. In: 7 SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, Rio Grande. **Anais**. Rio Grande: FURG, p. 1-8, 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**/ John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Bárbara Madruga da. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE DIREITO DA UFPR, Curitiba. **Anais**. Curitiba: UFPR, 2014.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p.485-496, 2000. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722000000300016>.

DINIZ, Luísa de Moraes. **Cultura do estupro na campanha publicitária “dieta do sexo”**. 2015. 61 f. Monografia (Especialização) - Curso de Revisão de Texto, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015.

DRUMONT, Mary Pimentel. ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO MACHISMO. **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, p.81-85, 1980.

FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a Educação Infantil. In: 22º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu - MG. **Anais**. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A MULHER NA VISÃO DO PATRIARCADO BRASILEIRO: UMA HERANÇA OCIDENTAL. **Revista Fato&versões**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.3-16, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. Anuário brasileiro de segurança pública. Edição 13ª. São Paulo, 2019.

FRIZZERA, Mariana Paiva; PAZÓ, Cristina Grobério. Erotismo e beleza do corpo feminino objetificado: publicidade de lingerie na construção das identidades das mulheres na história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Brasília. **Simpósio**. Brasília: Unb, 2017.

G1 RIO DE JANEIRO. Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>>. Acesso em: 14 set. 2016.

G1 SÃO PAULO. Um em cada três brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>> Acesso em: 10 out. 2019.

HARRISON, Kristen; FREDRICKSON, Barbara Lee. Women's sport media, self-objectification, and mental health in black and white adolescent females. **Journal of Communication**, v. 53, 2003. p. 216–232.

JESUS, Jaqueline de Gomes. Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional. **EDA/FBN 563034**: Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2 ed. Brasília: Eda/fbn, 2012.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de et al. A influência da construção de papéis de gênero na escolha profissional. **Doxa: Revista Brasileira de psicologia e educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.33-50, jan. 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818>>. Acesso em: 15 out. 2018.

LIMA, Karen Alves de; PAIVA, Carla Conceição da Silva. O Referente Ausente e a Objetificação das Mulheres e dos Animais na Publicidade. In: 39 CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2016.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero, feminismo e Serviço Social – encontros e desencontros ao longo da história da profissão. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p.66-75, 2010.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: 19 CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, Vila Velha, **Anais**. Vila Velha: Intercom, p.1-15, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 184 p. Disponível em:

<<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educao-guacira-lobes-louro.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

LUSTOSA, Amanda Santos. **Femicídio**: a relação entre o gênero e a violência. 2016. 65 f. TCC (Graduação em Serviço Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17528/1/2016_AmandaSantosLustosa_tcc.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

MESQUITA, Fernanda Vidal et al. A objetificação da mulher em peças publicitárias da Itaipava: uma análise crítica do reforço à ideologia patriarcal. **Revista Colineares**, Mossoró, v. 4, n. 2, p.100-114, jul. 2017. Disponível em:
<<http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/view/3170/1711><http://indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/1375>>. Acesso em: 27 out. 2018.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero, e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 9-27.

NARVAZ, Marta Giudice. **Submissão e resistência : explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina**. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.49-55, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822006000100007>. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1>>. Acesso em: 20 out. 2018.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, set. 2006.

NOLETO, Nathalie Pedrón. **Objetificação da mulher na propaganda**: Análise crítica do discurso da campanha a cerveja 100% Itaipava. 2016. 61 f. TCC (Graduação em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140273>>. Acesso em: 28 out. 2018.

NUSSBAUM, Martha Craven. Objectification. **Philosophy And Public Affairs**, [s.i], v. 4, n. 24, p.249-291, out. 1995.

OLIVEIRA, Márcio De; MAIO, Eliane Rose. “VOCÊ TENTOU FECHAR AS PERNAS?” – A CULTURA MACHISTA IMPREGNADA NAS PRÁTICAS SOCIAIS. **Revista Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1-18, 2016.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. Deputado é denunciado por incitação ao estupro. Disponível em:

<<https://www.oab.org.br/noticia/27949/deputado-e-denunciado-por-incitacao-ao-estupro>>. Acesso em: 14 de set. 2019.

RODRIGUES, Maria Elizabeth; NASCIMENTO, Geraldo Barbosa do; NONATO, Eunice Maria Nazareth. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p.78-97, jan. 2015. Disponível em:

<<http://est.com.br/periodicos/index.php/identidade/article/view/2524/2390>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SAYÃO, Deborah Thomé. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA: ARTICULANDO TEMAS PARA PENSAR O TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL. **Pensar A Prática**, Goiás, v. 5, p.1-14, 2006. Universidade Federal de Goiás.

<http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v5i0.43>.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.72-99, jul. 1995. Disponível

em:<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?.

Revista Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n. 3, p.127-140, set. 2016.

Disponível em:

<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9856/6297>>. Acesso em: 27 out. 2018.

SOMMACAL, Clariana Leal; TAGLIARI, Priscila de Azambuja. A CULTURA DO ESTUPRO: O ARCABOUÇO DA DESIGUALDADE, DA TOLERÂNCIA À VIOLÊNCIA, DA OBJETIFICAÇÃO DA MULHER E DA CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA. **Revista da Esmesc**, Florianópolis, v. 24, n. 30, p.245-268, 2017. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/revistadaesmesec.v24i30.p245>.

SOUSA, Marília de Oliveira de; SIRELLI, Paula Martins. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 132, p.326-345, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.144>.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p.9-29, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v25n1/1806-9584-ref-25-01-00009.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

TEIXEIRA, Daniel Viana. DESIGUALDADE DE GÊNERO: SOBRE GARANTIAS E RESPONSABILIDADES SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES. **Revista Direito Gv**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.253-274, 2010.

VILLELA, Wilza. Gênero, saúde dos homens e masculinidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.29-32, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232005000100008>.

ZAMBONI, Júlia Simões. Para que Serve a Mulher do Anúncio? Análise de Publicidades Denunciadas ao Conselho de Autorregulação. **Gênero & Direito**, Paraíba, v. 5, n. 1, p.168-194, 29 abr. 2016.

APÊNDICE A - Questionário

Seção 1:

1. Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outros

2. Idade:

- 16 a 18
- 19 a 21
- 22 a 24
- 25 a 27
- 28 a 30
- 31 a 33
- 34 a 36
- Outros

3. Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Amasiado
- Divorciado
- Viúvo
- Outros

4. Reside:

- Sozinho
- Pais/familiares
- Cônjuge
- Amigos/colegas

5. Curso:

- Ciências Biológicas
- Física
- Letras
- Química

6. Ano que ingressou:

7. Fase da graduação:

Se você cursa disciplinas em mais de uma fase, considerar o mais representativo (com maior número de disciplinas).

- 2ª
- 4ª
- 6ª
- 8ª
- 10ª

Seção 2:

1. Na sua opinião, a cultura do estupro existe?

- Sim
- Não
- Talvez

2. Você sabe o que é cultura do estupro?

- Sim
- Não
- Talvez

3. O que você entende por cultura do estupro?

4. Na sua opinião, a cultura do estupro está presente na sociedade há muito tempo, ou é algo recente? Justifique sua resposta.

5. Na sua opinião, quem é mais suscetível (enquanto vítima) a esta cultura?

Mulheres

Homens

Ambos

Nenhum

6. Justifique sua resposta da pergunta anterior:

7. A cultura do estupro é constituída somente pela violência sexual?

Sim

Não

Não sei

8. Na sua opinião, de que maneira a cultura do estupro é disseminada?

obs: se preferir, nesta questão você pode marcar mais de uma alternativa.

Discursos

Comportamentos/atitudes

Violência

Estímulo

Legitimação

Aceitação

Todas

Nenhuma

9. Na sua opinião, quais contextos sociais e discursivos colaboram para a cultura do estupro?

obs: se preferir, nesta questão você pode marcar mais de uma alternativa.

Sociedade

Mídia

- Família
- Religião
- Ciência
- Escola/universidade
- Nenhuma

10. Referente a pergunta anterior, escolha o contexto social ou discursivo que mais reforça a cultura do estupro e justifique sua resposta.

Seção 3:

1. Defina estupro:

2. Na sua opinião, quem é mais suscetível a esse tipo de violência?

- Mulheres
- Homens
- Ambos

3. Em relação à idade da vítima, na sua opinião quem é mais suscetível à esse tipo de violência?

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

4. Na sua opinião, na maioria dos casos de estupro, qual o perfil do agressor?

- Pessoa desconhecida da vítima
- Pessoa desconhecida da vítima
- Parceiro da vítima
- Pai da vítima
- Mãe da vítima
- Padrasto da vítima

- Madrasta da vítima
- Outros

5. Para ser considerado estupro necessariamente precisa ter penetração?

- Sim
- Não
- Não sei

6. Na sua opinião, os casos de estupro ocorrem principalmente em locais como:

- Na rua
- Em casa
- Festas
- Praias
- Escolas/universidades
- Outros

7. Na sua opinião, quais dessas opções se encaixam como estupro?

obs: se preferir, nesta questão você pode marcar mais de uma alternativa.

- Sexo vaginal forçado
- Sexo anal forçado
- Sexo oral forçado
- Masturbação forçada
- Beijo forçado
- Todas
- Nenhuma

Seção 4:

1. É inapropriado a mulher sair com os amigos(as) sem o seu parceiro?

- Sim
- Não
- Talvez

2. Se a mulher beijar vários homens em uma festa pode ser considerada uma "mulher fácil"?

- Sim
- Não
- Talvez

3. Mulheres que usam "roupa curta" na rua ou demais espaços públicos, pedem para ser agredidas sexualmente?

- Sim
- Não
- Talvez

4. É inapropriado mulheres ficarem alcoolizadas em locais públicos?

- Sim
- Não
- Talvez

5. Quais das frases abaixo se assemelham a algo que você já disse e/ou pensou?

obs: Se preferir, nesta questão você pode marcar mais de uma alternativa.

- "Não é horário de mulher estar na rua".
- "Ela disse não, mas eu insisti".
- "Estava bêbada e agora vem posar de vítima".
- "A mulher precisa satisfazer as vontades do homem".
- "Com essa roupa ela está/estava pedindo".
- "Minha parceira não queria transar mas eu estava com vontade e fiz ela mudar de ideia".
- "Ela deveria ter pensado antes de sair sozinha".
- "Se colocou em situação de risco, se estivesse em casa não teria acontecido".
- "Ela estava drogada por isso mereceu".
- "Na igreja e na escola esse tipo de coisa não acontece".
- "Se saiu com roupa curta é porque queria ficar sem ela".
- "Lugar de mulher é em casa, junto da família".

Nenhum.

6. Quando pede-se para beijar uma mulher e ela diz não, significa que:

Ela quer

Se insistir ela muda de ideia

Ela não quer

Ela está fazendo charme

7. A presença do hormônio testosterona no organismo masculino é uma das causas da violência sexual cometida pelos homens:

Sim

Não

Talvez

8. Homens são incentivados desde crianças a serem "pegadores":

Sim

Não

Talvez

9. Você concorda com a seguinte afirmação: "Quando uma mulher é estuprada, a culpa é dela".

Sim

Não

Parcialmente

Talvez

10. Justifique sua resposta da pergunta anterior:

11. Mulheres são ensinadas desde a infância a serem donas de casa, esposas, mães, entre outros papéis atribuídos ao gênero:

Sim

- Não
- Talvez

12. Se você presenciasse a cena de uma mulher sendo julgada por estar com partes do corpo à mostra o que você faria diante dessa situação?

- Nada
- Julgaria também
- Chamaria atenção da(s) pessoa(as) que estão reproduzindo isto
- Outros

13. Está no instinto do homem provocar mulheres na rua:

- Sim
- Não
- Talvez

14. Se você presenciasse a cena de uma mulher sendo agredida sexualmente em um local público, o que você faria diante dessa situação?

Obs: esses locais públicos podem ser: rua, farmácia, supermercado, ônibus, banco, festas, praça, restaurante, entre outros.

- Nada
- Tentaria impedir
- Chamaria a polícia
- Fingiria que não viu
- Buscaria ajuda
- Outros

15. Mulheres bêbadas são suscetíveis ao estupro?

- Sim
- Não
- Talvez

16. Justifique sua resposta da pergunta anterior:

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “As percepções de estudantes universitários sobre a cultura do estupro”, como requisito para obtenção do título de graduanda, desenvolvida por Raffaella Pfeifer Duarte, discente do curso de graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza - Paraná, sob orientação da Professora Dra. Mariane Inês Ohlweiler. O objetivo central do estudo é: Compreender as percepções de estudantes universitários de Licenciatura em relação a cultura do estupro, e analisar os discursos e contextos sociais envolvidos na constituição destas percepções. Os critérios de inclusão dos participantes consideraram os acadêmicos dos cursos de Licenciatura da UFFS campus Realeza - Paraná. Vale ressaltar, que sua participação não é obrigatória, você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Contudo, sua participação é muito importante para a execução desta pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro que está dividido em 4 seções. O tempo de duração da pesquisa pode variar entre 15 a 25 minutos. As informações serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora. O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa se constitui no conhecimento que será gerado sobre o tema, a partir do qual serão mensuradas as diferentes percepções sobre a cultura do estupro. Em relação aos riscos, você poderá

sentir desconforto em compartilhar informações, pois algumas perguntas podem interferir na vida e na rotina, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis. Caso não se sinta à vontade de responder o questionário na íntegra, você tem total liberdade para interromper o mesmo. Caso haja dúvidas a respeito do questionário ou sobre os resultados da pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora Raffaella Pfeifer Duarte através do e-mail: raffapduarte@gmail.com. Desde já agradecemos sua participação!